

Notícias do IHP 875: Começa o jogo

(17 de abril de 2026)

O boletim informativo semanal International Health Policies (IHP) é uma iniciativa da Unidade de Políticas de Saúde do Instituto de Medicina Tropical de Antuérpia, na Bélgica.

Caros colegas,

Pelo que pude perceber, [os líderes](#) da Casa Branca e [do Partido Republicano](#) adotaram um novo passatempo esta semana — «*popesplaining*» — mas não se preocupem, ao contrário do Donald, [do Vance](#) e companhia, a IHP não tem tempo para [discutir](#) com o Leão XIV.

Na edição desta semana, focamo-nos primeiro nas **reuniões de primavera do FMI/Banco Mundial** (com, entre outras, a nova **iniciativa «Water Forward»** do Banco Mundial, parte da sua recente **«mudança para um desenvolvimento orientado para a missão»**). As reuniões decorrem em «tempos de policrise a todo o vapor», mas também estamos no meio de uma **mudança de regime capitalista** desde há alguns anos. À margem das reuniões, houve também algumas **boas notícias sobre o lançamento do Lenacapavir** (na cimeira CSIS Futures), e a **Coligação para o Futuro da Cooperação para o Desenvolvimento** reuniu-se pela primeira vez. Entretanto, na **corrida para o cargo de Diretor-Geral da OMS**, parece que **«o jogo começou»** (com, por exemplo, uma **visita bastante importante de Tedros a Berlim** no início desta semana). A newsletter apresenta também, mais uma vez, muitas publicações e comentários relacionados com **a arquitetura e a reforma da saúde global em mudança**. O debate está a tornar-se, lenta mas seguramente, menos teórico e mais operacional.

A propósito deste **«sistema em transição»**, gostaríamos de destacar aqui um importante **artigo de opinião publicado na revista *The Lancet***, organizado pela Aliança, que se centra na **emergência do financiamento da investigação em saúde a nível global**, defendendo a criação de fundos nacionais específicos para orientar as reformas do financiamento da saúde. No artigo, mais de 20 líderes mundiais da investigação em saúde **alertam que os cortes no financiamento estão a ameaçar os ecossistemas nacionais de investigação em saúde**. Como afirmou o **Dr. John-Arne Røttingen**, CEO da Wellcome Trust e também coautor do artigo: «*O financiamento da investigação em saúde não é apenas uma questão técnica – trata-se de poder, prioridades e participação na economia global do conhecimento.*» E assim, «... Em resposta a este desafio, a Aliança está a lançar um novo programa de trabalho focado em promover o financiamento nacional da investigação em políticas e sistemas de saúde nos países de rendimento baixo e médio. Esta iniciativa irá explorar vias práticas para os países mobilizarem e sustentarem o financiamento para a investigação em políticas e sistemas de saúde e reforçarem os ecossistemas nacionais de investigação.» De facto, muito necessário.

Por último, mas não menos importante, embora fisicamente incapazes de **«sorrir como a Úrsula quando satisfeitos com algo»**, também ficámos bastante **felizes com a destituição de Orbán do poder na Hungria**. Sim, a UE nunca deixa de desiludir no que diz respeito aos seus nobres «valores», certamente nos últimos anos, mas ainda há muito pelo qual vale a pena lutar neste continente, como muitas pessoas na Hungria (incluindo muitos jovens) nos mostraram novamente. Esperemos que a vitória deles também inspire muitas outras pessoas e países nos próximos meses, tanto na UE

como do outro lado do oceano. Uma vez que esta foi apenas uma derrota para a extrema-direita — infelizmente, está longe de ser «fim de jogo» para eles.

Mas talvez, apenas talvez, o [«Vento da mudança»](#) (*canção horrível, eu sei :)* esteja a começar a soprar de forma diferente. Nem que seja apenas porque, a esta altura, os cidadãos e os eleitores já viram alguns «casos práticos» do que pode realmente acontecer quando se entrega as rédeas do poder à extrema-direita.

Ainda assim, cada contexto e cada batalha são diferentes. Mas, no mínimo, depois do fim de semana passado, o jogo começou.

Boa leitura.

Kristof Decoster

Artigos em destaque

Será que o «America First» pode unir os burundianos?

Antea Paviotti

A introdução da estratégia «America First» no Burundi não recebeu muita atenção nos meios de comunicação burundianos. Mesmo a imprensa no exílio, menos sujeita ao controlo das autoridades burundianas e, por isso, mais livre para se expressar, não levantou questões em torno do [memorando de entendimento \(MoU\) de cooperação bilateral na área da saúde](#), recentemente assinado entre os EUA e o governo do Burundi. Será que isto significa que o acordo é visto como não problemático, ou mesmo totalmente benéfico para o Burundi, e poderá, por isso, representar um tema que une os burundianos?

É difícil encontrar um tema que não se torne imediatamente politizado e divisivo no Burundi, mais do que noutros países. No entanto, a aprovação da estratégia «America First», através da assinatura do memorando de entendimento no passado ^{dia 6 de} fevereiro, não parece ter recebido esse tratamento nos meios de comunicação burundianos, apesar de se tratar de um importante ato político de interesse nacional e internacional. ...

- Para continuar a leitura, consulte IHP: [Pode o «America First» unir os burundianos?](#)

Quando os medicamentos acabam: RAM, escassez de antibióticos e as crianças que ficam para trás

[Nida Afzal Hussain](#)

Em 2024, um menino de 25 meses chegou a um hospital em Banjul, na Gâmbia, com febre, convulsões e uma infecção sanguínea causada pela *Enterobacter cloacae*, uma bactéria que, em gerações anteriores, poderia ter sido combatida com os antibióticos habituais. Esta estirpe era multirresistente, imune a pelo menos um agente em nove grupos diferentes de antimicrobianos. Os exames laboratoriais identificaram dois [antibióticos](#) que poderiam ter sido eficazes e salvado a sua vida. Nenhum deles estava disponível. Ele morreu nove dias após a admissão.

Por mais angustiante que esta história seja, não se trata apenas de uma tragédia distante. ...

- Para continuar a leitura, consulte IHP - [Quando os medicamentos acabam: RAM, escassez de antibióticos e as crianças que ficam para trás](#)

Destaques da semana

Estrutura da secção Destaques

- Leitura da semana
- Reuniões da primavera do FMI/Banco Mundial: Introduções, relatórios e análises antes das reuniões
- Reuniões da primavera: cobertura e análise
- Reforma e reimaginação da saúde global (+ pós-2030)
- Corrida à Direção-Geral da OMS
- Mais sobre a governança global da saúde e financiamento
- PPPR e GHS
- Estratégia de Saúde Global dos EUA e acordos bilaterais de saúde
- Trump 2.0
- CUS e APS
- DNT
- Saúde mental
- Determinantes comerciais da saúde
- SRHR
- Saúde Planetária
- Recursos humanos para a saúde
- Atualização sobre a implementação do Lenacapavir
- Mais informações sobre o acesso a medicamentos, vacinas e outras tecnologias de saúde
- Conflito/Guerra e Saúde
- Diversos

Leitura da semana

A gestão da voz na saúde global: Como a saúde global aprendeu a incluir e a ouvir, sem redistribuir o poder

Habib Benzian & Fidel Strub; [Substack](#);

Leitura absolutamente obrigatória, também tendo em vista **as discussões e processos** em curso sobre a «**reforma da saúde global**».

«Este ensaio é escrito a partir de dois pontos de vista. Um traça a estrutura dos sistemas de saúde global e os arranjos institucionais através dos quais as prioridades são definidas, o conhecimento é validado e os recursos d e são alocados. O outro baseia-se na experiência vivida de navegar por esses mesmos sistemas a partir do exterior e de ser convidado a entrar neles apenas de forma intermitente.»

“Fidel Strub, o coautor convidado deste ensaio, é um sobrevivente da noma, ativista e fundador da Elysium. O seu trabalho ajudou a trazer a noma para as discussões políticas globais e para a atenção do público, incluindo reconhecimento internacional, como a lista TIME100 Health. A sua experiência reflete não só as realidades de uma doença negligenciada, mas também as condições sob as quais a experiência vivida é incluída, interpretada e, muitas vezes, excluída novamente nos processos de saúde global.

Este ensaio reúne estas perspetivas. Reflete tanto a forma como os sistemas de saúde globais são concebidos, como a forma como são vividos.»

Reuniões da Primavera do FMI/Banco Mundial (13-18 de abril, Washington DC): Introduções, relatórios e análises *antes* das reuniões

Numa **primeira secção** relacionada com as reuniões da Primavera, disponibilizamos alguns guias introdutórios, relatórios e análises publicados antes das reuniões. A **segunda secção** centrar-se-á nas próprias reuniões da Primavera (cobertura/análise).

Devex Pro Insider: Reuniões da Primavera em teste de resistência no meio do choque no Médio Oriente

<https://www.devex.com/news/devex-pro-insider-spring-meetings-stress-test-amid-middle-east-shock-112221>

(acesso restrito) «No contexto de uma guerra no Médio Oriente, as **Reuniões da Primavera do Banco Mundial e do FMI deste ano** parecem menos um fórum para grandes ideias inovadoras e mais um teste de resistência em tempo real.»

“O pano de fundo geral é a transição para o financiamento do desenvolvimento, à medida que a ajuda externa dos doadores passa por uma revisão histórica. **Será que os bancos multilaterais de desenvolvimento vão assumir o papel?** Essa foi a grande questão [nas reuniões de primavera e anuais](#) do Banco Mundial e do FMI do ano passado, à medida que a arquitetura tradicional da ajuda desmoronava. **Hoje, continua a ser a principal preocupação, à medida que todos continuam a vasculhar os escombros de 2025, ao mesmo tempo que enfrentam desafios persistentes — dívida insustentável, multilateralismo a desgastar-se, reformas internas — e novas crises —** nomeadamente, a guerra dos EUA e de Israel contra o Irão.»

“A boa notícia? O Banco Mundial está bem capitalizado e dispõe de inúmeros recursos para enfrentar estas crises. A má notícia? Não se sabe se tem a vontade necessária para mobilizar o seu poder financeiro....”

PS: «... O meu **principal desejo aqui, ou aspiração para estas instituições**, é que, francamente, **assumam mais riscos e trabalhem em países mais arriscados**», afirmou **Clemence Landers** (CGD). Acrescentou que a **notação de crédito AAA, zelosamente guardada** pelo Banco Mundial, **limita a sua apetência pelo risco...**

Devex – Edição especial: Tudo o que há para saber antes das Reuniões da Primavera do Banco Mundial e do FMI

<https://www.devex.com/news/special-edition-everything-to-know-ahead-of-the-world-bank-imf-spring-meetings-112254>

«Como irão as instituições multilaterais responder a um choque económico global num contexto de reformas em curso e tensões políticas?»

Alguns excertos:

“Nos últimos anos, o Banco Mundial tem aproveitado as Reuniões da Primavera e as reuniões anuais para lançar iniciativas de grande envergadura, muitas vezes em parceria com outros, destinadas a enfrentar os desafios globais. Pense [na Missão 300](#) para a eletricidade em África, nos cuidados de saúde para 1,5 mil milhões de pessoas e [no AgriConnect](#) para acelerar os investimentos na agricultura e no agronegócio. **Esta semana, o Banco lançará o Water Forward. A iniciativa visa reforçar a segurança hídrica global** e aumentar os investimentos em serviços de água, saneamento e muito mais....”

- Ver também Devex: [A mudança do Banco Mundial em relação à água](#): “A mudança do Banco Mundial em relação à água: A nova estratégia do Banco Mundial para a água passa da infraestrutura para a gestão sistémica, mas incentivos e governação fracos podem limitar o seu impacto....”

Sobre a crise da dívida: “**Batendo na mesma tecla da dívida**: Correndo o risco de parecer um disco riscado, não espere muito em relação à dívida. ... O que não mudou: o custo do serviço da dívida para os países africanos praticamente duplicou, e novos choques continuam a atingir países que já têm muito pouca margem de manobra fiscal. A dívida continuará a ser discutida, claro, mas dizem-me que os progressos reais poderão ter de esperar até ao próximo ano, porque não existe uma via política clara para o sucesso. McNair diz-me que o Reino Unido já está a antecipar a sua liderança do Grupo das 20 maiores economias no próximo ano, e como poderá criar um sistema modular de

resposta à dívida que crie respostas diferentes para diferentes países, dependendo das suas necessidades e do tipo de crise da dívida.....”

CGD - Reuniões da Primavera do FMI-Banco Mundial de 2026: O que estamos a acompanhar

R Glennerster et al ; <https://www.cgdev.org/blog/imf-world-bank-spring-meetings-2026-what-were-watching>

«...Os especialistas do CGD partilham o que estão a acompanhar esta semana...»

“Equilibrar a resposta à crise com os desafios a longo prazo; Os credores estarão dispostos a suspender a dívida? Preços dos alimentos, mercados alimentares e quem paga o preço; Com o colapso da ajuda, os 4 biliões de dólares de capital interno de África não podem ficar ociosos; Como lidar com o «ano de transição» do G20 em 2026? O FMI cumprirá as suas promessas para África? O que significa o impasse no financiamento da Ucrânia para os países em desenvolvimento...”

Devex – Por que é que o momento da missão do Banco Mundial precisa de mais do que ambição

M. Mazzucato et al.; <https://www.devex.com/news/why-the-world-bank-s-mission-moment-needs-more-than-ambition-112284>

“A mudança do Banco Mundial para um desenvolvimento orientado pela missão sinaliza um progresso real — mas, sem mudanças mais profundas na forma como financia, concebe e executa, a ambição corre o risco de não ter o impacto desejado.”

«Esta semana, enquanto decisores políticos, profissionais do desenvolvimento e ministros das Finanças se reúnem em Washington para as Reuniões da Primavera do FMI e do Banco Mundial, **o debate sobre o futuro do financiamento do desenvolvimento está a sofrer mudanças importantes. O Banco Mundial começou a organizar o seu trabalho em torno de missões, desde fornecer eletricidade a 300 milhões de pessoas em toda a África — Missão 300 — até garantir o acesso à água a centenas de milhões de pessoas adicionais. Ao mesmo tempo, o mais recente relatório emblemático do banco sobre política industrial marca um afastamento significativo de décadas de ceticismo sobre o papel dos governos na orientação do investimento e na definição da transformação estrutural. Estes são passos bem-vindos e significativos....”** Mas... (continue a ler)

- Veja também **Devex** - [Bjerde: Banco Mundial testa resposta à crise em meio a reestruturação e receios quanto à dívida](#)

“... o Banco Mundial está a apostar fortemente num novo modelo operacional construído em torno de grandes iniciativas setoriais, concebidas para concentrar a atenção, atrair investimento privado e coordenar parceiros em todo o sistema de desenvolvimento.”

“O exemplo mais recente, lançado esta semana, é o **Water Forward**, [um esforço global para combater a insegurança hídrica](#) — que afeta cerca de 4 mil milhões de pessoas — enquadrando a

água não apenas como uma necessidade básica, mas como um motor económico ligado ao crescimento, ao emprego e à resiliência. O Banco Mundial, juntamente com parceiros, incluindo um conjunto de bancos multilaterais de desenvolvimento, afirmou que melhoraria a segurança hídrica para mil milhões de pessoas até 2030. **O Water Forward segue-se a duas outras iniciativas emblemáticas: o AgriConnect, que visa impulsionar o emprego através do investimento no agronegócio, e a Mission 300, que visa levar eletricidade a 300 milhões de pessoas na África Subariana até 2030.»**

“A abordagem marca uma mudança do financiamento tradicional baseado em projetos para programas de tipo plataforma que agrupam recursos públicos e privados. Ao abrigo deste modelo, os países desenvolvem “acordos” que definem as suas próprias estratégias setoriais e prioridades de investimento, com o objetivo de atrair capital privado a par do apoio multilateral e filantrópico. “Na verdade, é o cliente que está no comando”, afirmou Bjerde, descrevendo os pactos como estratégias lideradas pelos países que traduzem os desafios globais em planos operacionais no terreno.”

“Fundamentalmente, o banco procura também posicionar-se como coordenador de um ecossistema mais amplo — reunindo outros bancos multilaterais de desenvolvimento, investidores privados e instituições filantrópicas em torno de prioridades comuns...” “Essa mudança voltada para o exterior é acompanhada por reformas internas destinadas a quebrar os silos de longa data entre os ramos público e privado do banco...”

Guardian – Não se fale do clima: Trump cria situação «além do absurdo» nas negociações financeiras globais

<https://www.theguardian.com/environment/2026/apr/13/dont-mention-the-climate-trump-creates-beyond-absurd-situation-at-global-finance-talks>

«Os países em desenvolvimento enfrentam a possibilidade de o plano de ação verde crucial ser arquivado nas reuniões da primavera do FMI e do Banco Mundial.»

«As reuniões da primavera do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Grupo do Banco Mundial (GBM) decorrem esta semana num contexto de um frágil cessar-fogo no Irão e de uma geopolítica em ebulição. Uma das prioridades era elaborar um novo «plano de ação contra as alterações climáticas» (CCAP) para o maior financiador mundial dos países em desenvolvimento, com vista a substituir a estratégia atual, que expira em junho. Agora, parece que o novo plano poderá ser arquivado, juntamente com a discussão substantiva sobre a crise climática....”

Guardian – Guerra no Irão pode empurrar 32 milhões de pessoas para a pobreza, afirma a Organização das Nações Unidas

<https://www.theguardian.com/society/2026/apr/13/iran-conflict-poverty-united-nations-development-reverse>

“Está a ocorrer um ‘regresso ao desenvolvimento’ que envolve o aumento dos custos da energia e dos alimentos e um crescimento económico mais fraco.” Cobertura de um novo relatório do PNUD.

“Mais de 32 milhões de pessoas em todo o mundo poderão ser empurradas para a pobreza pelas consequências económicas da guerra no Irão, sendo que se prevê que os países em desenvolvimento sejam os mais afetados. Num relatório publicado no meio de dúvidas sobre um frágil cessar-fogo, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) afirmou que o mundo enfrentava um “triplo choque” envolvendo energia, alimentos e um crescimento económico mais fraco. A agência encarregada de combater a pobreza afirmou que o conflito estava a reverter os ganhos no desenvolvimento internacional, com o impacto a ser sentido de forma desigual entre as regiões.”

“Alexander De Croo, administrador do PNUD e antigo primeiro-ministro da Bélgica, afirmou: “Um conflito como este é o desenvolvimento ao contrário. ... “ “Ao publicar o seu relatório enquanto os líderes mundiais se reúnem em Washington para as reuniões de primavera do FMI, o PNUD afirmou que era necessária uma resposta global para apoiar os países mais afetados pelas consequências económicas. Afirmou que eram necessárias transferências de dinheiro direcionadas e temporárias para proteger os agregados familiares mais vulneráveis nos países em desenvolvimento, com um custo de cerca de 6 mil milhões de dólares para neutralizar os choques para aqueles que caem abaixo do limiar da pobreza. De Croo afirmou que as agências internacionais e os bancos de desenvolvimento poderiam fornecer o apoio financeiro....”

Project Syndicate - Será que o FMI alguma vez aprenderá?

T Kaldas; <https://www.project-syndicate.org/commentary/imf-spring-meetings-opportunity-to-reform-lending-practices-by-timothy-kaldas-2026-04>

“Da austeridade à tributação, o Fundo Monetário Internacional tem falhado consistentemente em incorporar as suas próprias conclusões nos seus programas de empréstimo. A Revisão da Concepção e Condicionalidade dos Programas do Fundo, realizada uma vez por década e que está agora em curso, oferece uma oportunidade crucial para mudar esta situação.”

Também aplicável ao Egito.

Centro de Política de Desenvolvimento Global - Rumo a programas do FMI mais eficazes: aprender com os dados sobre a condicionalidade

T Hirschel-Burns et al ; <https://www.bu.edu/gdp/2026/04/09/toward-more-effective-imf-programs-learning-from-the-evidence-on-conditionality/>

«À medida que o FMI revê a concepção dos seus programas e condições, é importante basear esta avaliação nas melhores evidências disponíveis. Um *novo resumo de políticas* elaborado por **Tim Hirschel-Burns** e **Marina Zucker-Marques** sintetiza os dados de 21 estudos académicos recentes, revistos por pares, e da própria investigação do FMI. Reconhecendo que os programas do FMI e as condições externas evoluíram ao longo do tempo, os autores dão maior ênfase à investigação recente publicada entre 2015 e 2025. Os autores centram-se em três conjuntos principais de questões. Primeiro, os programas ajudam a superar os problemas que levaram os países a procurar assistência financeira? Segundo, existem consequências indesejadas e efeitos colaterais negativos dos programas do FMI que poderiam ser destrutivos para a prosperidade nacional? E terceiro, a condicionalidade é aplicada de forma uniforme entre os membros do FMI, em consonância com o compromisso do FMI com a neutralidade?

Principais conclusões:

- **Os programas do FMI ficam aquém do seu objetivo declarado de resolver os problemas da balança de pagamentos dos países:** A literatura sugere que os programas do FMI melhoraram a sua capacidade de aumentar o crescimento, mas ainda subestimam os impactos negativos das políticas contracionistas e têm dificuldade em alterar as estruturas de exportação dos países mutuários.
- **Os programas do FMI causam danos colaterais:** estão associados ao aumento da pobreza, da desigualdade, da mortalidade neonatal e da desflorestação.
- **Os programas do FMI sofrem de falta de imparcialidade:** os países alinhados com os acionistas ocidentais têm mais probabilidades de receber empréstimos do FMI com condições menos rigorosas.»

Oxfam – A questão da riqueza está praticamente ausente das orientações fiscais do FMI, o que beneficia os ricos

<https://www.oxfam.org/en/press-releases/wealth-largely-absent-imf-tax-guidance-benefiting-rich>

«Apenas 3% das mais de 1000 recomendações fiscais feitas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) aos governos nos últimos anos se centram na tributação da riqueza e dos rendimentos provenientes da riqueza, revela uma nova análise da Oxfam antes das Reuniões da Primavera do FMI e do Banco Mundial em Washington, D.C.»

“A Oxfam analisou os conselhos fiscais do FMI a 125 países entre 2022 e 2024. Apesar do rápido crescimento da riqueza extrema — a riqueza dos bilionários aumentou 81% desde 2020 —, apenas 30 das 1049 recomendações fiscais centram-se nos impostos sobre o património líquido e na tributação dos rendimentos da riqueza, nomeadamente mais-valias...”

«... A análise da Oxfam revela duas discrepâncias marcantes nas orientações do FMI, dependendo do nível de rendimento de um país. Em primeiro lugar, 52% das recomendações fiscais aos países de rendimento elevado eram progressivas, enquanto 59% das recomendações fiscais aos países de rendimento baixo e médio-baixo eram regressivas. Em segundo lugar, embora o FMI reconheça publicamente que a política fiscal é uma ferramenta fundamental para combater a desigualdade, associa as suas recomendações fiscais à desigualdade com muito mais frequência nos países de rendimento elevado (34%) do que nos países de rendimento baixo e médio-baixo (8%).....”

CGD - Impostos sobre a saúde e o FMI: o apoio e a reforma estão alinhados?

S Gupta et al ; <https://www.cgdev.org/blog/health-taxes-and-imf-are-support-and-reform-aligned>

“... Embora a política de saúde não seja um foco central, o FMI aconselha os países membros a aumentar as receitas internas de forma justa, eficiente e administrativamente viável. Como parte das suas orientações em matéria de política fiscal, recomenda impostos sobre a saúde — quando apropriado — como componente de um sistema fiscal equilibrado e que funcione bem. Este conselho reflete-se nas suas três atividades principais: supervisão das políticas dos países membros, concessão de empréstimos e desenvolvimento de capacidades.”

“Discutimos anteriormente em pormenor o [aconselhamento de supervisão do FMI sobre impostos na área da saúde durante o período de 2010–2024](#). Este blogue centra-se, em vez disso, nos

impostos na área da saúde em acordos de empréstimo apoiados pelo FMI e no desenvolvimento de capacidades na conceção e administração fiscal durante o mesmo período. Constatamos que estas duas atividades diferem significativamente no seu enfoque regional e que, em particular, as condições impostas têm pouca relação com o potencial de receitas estimado dos países. Parece que os compromissos de reforma se concentram nos países de rendimento mais baixo, enquanto o apoio técnico é mais visível noutros locais.”

Conclusão (resumo): «Os impostos sobre a saúde continuam a ser uma das oportunidades mais evidentes para os países aumentarem as receitas e, ao mesmo tempo, melhorarem a saúde pública. No entanto, **esta análise sugere que a forma como estas reformas são apoiadas é tão importante quanto o facto de serem ou não adotadas. O padrão atual — em que os compromissos de reforma se concentram nos países de rendimento mais baixo, enquanto o apoio técnico é mais visível noutros locais — suscita uma preocupação prática: reformas complexas dos impostos especiais de consumo podem ser levadas a cabo sem um apoio adequado à sua conceção e implementação.** Dadas as exigências técnicas destas reformas, esta lacuna poderá afetar tanto a sua durabilidade como a sua eficácia.»

“Um melhor alinhamento entre os compromissos de reforma apoiados pelo FMI e o desenvolvimento de capacidades poderia ajudar a colmatar esta lacuna. O reforço do apoio — particularmente em países que estão a implementar reformas no âmbito de programas do FMI — aumentaria a probabilidade de que os impostos sobre a saúde gerassem ganhos sustentados de receitas e resultados significativos em matéria de saúde.”

Reuniões de Primavera do FMI/BM: cobertura e análise

Devex Invested: nota sobre as Reuniões da Primavera — os corredores estão em alta, o clima não

<https://www.devex.com/news/devex-invested-spring-meetings-memo-corridors-are-hot-climate-is-not-112309>

Visão geral recomendada dos principais destaques e pontos negativos das reuniões da Primavera. **“Consequências da guerra no Irão em África, nenhuma reviravolta nos subsídios (aos combustíveis fósseis) e um grande impulso aos corredores económicos.”**

Sobre este último ponto: **«A administração Trump pode estar fria em relação à ajuda à África, mas está certamente em alta no que diz respeito aos corredores africanos. Estas grandes rotas de infraestruturas transfronteiriças que ligam portos, caminhos-de-ferro, energia e zonas industriais tornaram-se uma prioridade para o governo dos EUA, intimamente ligadas a minerais críticos, cadeias de abastecimento e à sua abordagem mais ampla de “comércio, não ajuda”.** Autoridades norte-americanas afirmaram em fevereiro que estão a procurar contributos sobre quais os projetos transfronteiriços a apoiar no âmbito de um novo grupo de trabalho sobre infraestruturas entre os EUA e a UA...»

Sobre as alterações climáticas: **«As alterações climáticas pareceram ter uma importância muito menor do que nos anos anteriores. Essa mudança surge num momento crucial. O Plano de Ação para as Alterações Climáticas do Banco Mundial — que tem orientado o seu trabalho desde 2021 —**

está previsto expirar no final de junho, após uma prorrogação de um ano. Como o meu colega Jesse Chase-Lubitz [relatou](#), há uma pressão crescente, particularmente por parte dos EUA, para reduzir ou eliminar partes do plano por completo. Essa pressão tornou-se explícita ontem. Nas suas declarações públicas, o Secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent, [disse que acolhia com agrado](#) a «expiração há muito esperada» do plano e instou o Banco Mundial a afastar-se do que descreveu como um «foco míope no clima e nos volumes de financiamento» em direção a «projetos de alta qualidade e duradouros» que melhor apoiem o crescimento e a redução da pobreza. Apelou também para que o banco abandonasse a sua meta de 45% de financiamento climático, argumentando que esta é «distorcionadora» e compromete a sua eficácia...»

- Sobre este último ponto, ver também **Notícias sobre as Alterações Climáticas - [Pressão dos EUA coloca em risco o plano climático do Banco Mundial](#)**

“As negociações à porta fechada sobre a agenda climática do Banco Mundial estão num impasse, à medida que os EUA pressionam para eliminar as metas verdes e expandir o apoio aos combustíveis fósseis.”

HPW - O fosso na cozinha limpa em África deixa mil milhões de pessoas sem acesso

<https://healthpolicy-watch.news/africas-clean-cooking-gap-leaves-1-billion-without-access-world-bank-warns/>

“A falta de acesso a combustíveis e tecnologias de cozinha limpa tem impactos extensos na saúde, no ambiente, na economia e na igualdade das mulheres, afirmam especialistas na Reunião de Primavera do Grupo do Banco Mundial.”

Atualização sobre o estado da situação nesta matéria. “Desde uma [cimeira](#) crucial em 2024, foram mobilizados 2,2 mil milhões de dólares para a cozinha limpa em África. Trinta países aderiram à iniciativa através de pactos energéticos nacionais, num esforço para ajudar os mil milhões de africanos que ainda não têm acesso. Com a presença de ministros da energia de todo o mundo, um evento da sociedade civil do Grupo do Banco Mundial (WBG) nas Reuniões Anuais da Primavera destacou a urgência da transição para a cozinha limpa – expondo em pleno as implicações económicas, sanitárias, ambientais e de género dos combustíveis e fogões insalubres....”

Guardian - Escalada da guerra no Irão pode desencadear recessão global, alerta o FMI

<https://www.theguardian.com/business/2026/apr/14/iran-war-global-recession-imf-uk-growth-forecasts-oil-prices>

“Uma nova escalada na guerra no Irão poderá desencadear uma recessão global, uma espiral de inflação e uma forte reação nos mercados financeiros, alertou o **Fundo Monetário Internacional**...”

“...Com a pressão sobre a economia global a aumentar, o FMI apresentou três cenários possíveis para a guerra no seu World Economic Outlook (WEO) – nos quais [mesmo um conflito de curta duração prejudicaria o crescimento e alimentaria a inflação](#) em relação às suas previsões anteriores feitas no outono passado...”

Uma **previsão de referência, um cenário adverso e um cenário grave.**

Reuters - Conflito no Médio Oriente e redução da ajuda levam mais nações africanas ao FMI

[Reuters;](#)

“A ajuda externa à África Subsaariana caiu drasticamente em 2025, agravando as pressões fiscais; **27 dos 45 países da África Subsaariana dependem agora de programas apoiados pelo FMI**; Selassie, do FMI, mostra-se otimista quanto ao potencial de crescimento regional a longo prazo.”

Reuters - Países «Blend» pagam milhares de milhões a mais à medida que o acesso a empréstimos multilaterais baratos se reduz

[Reuters;](#)

“Os países ‘Blend’ enfrentam custos mais elevados devido ao crédito limitado dos bancos multilaterais de desenvolvimento (MDB), conclui um relatório da ONE Data e da Fundação Rockefeller; os cortes na ajuda dos doadores agravam os défices de financiamento; o relatório insta à expansão da capacidade dos MDB, a empréstimos mais rápidos e à salvaguarda do financiamento da AID.”

«Os países em desenvolvimento estão a pagar dezenas de milhares de milhões de dólares a mais para financiar projetos de infraestruturas, educação e saúde devido ao acesso insuficiente a empréstimos a preços acessíveis concedidos por bancos multilaterais de desenvolvimento (MDBs), revelou um relatório na terça-feira. O estudo realizado pela ONE Data, a divisão de investigação e dados do grupo de defesa contra a pobreza ONE, e pela Fundação Rockefeller analisa o aumento do custo do crédito para os países de rendimento baixo e médio-baixo...»

“A enfrentar a maior pressão estão os dez chamados países “blend”, incluindo o Quênia, o Gana, o Senegal e o Bangladesh, que se situam no intervalo entre as nações mais pobres e as economias em desenvolvimento mais ricas. Os países blend são elegíveis para contrair empréstimos tanto da , a divisão de empréstimos a taxas de mercado do Banco Mundial, como da sua divisão de empréstimos concessionais. De acordo com a investigação, os países «blend» poderiam ter poupado até 20,8 mil milhões de dólares entre 2020 e 2024 se tivessem conseguido financiar 40,6 mil milhões de dólares em emissões de obrigações soberanas através de janelas de crédito mais baratas dos bancos multilaterais de desenvolvimento (MDB), concluiu o relatório. No entanto, contraem empréstimos a custos significativamente mais elevados nos mercados obrigacionistas internacionais, enquanto as opções de crédito concessionais permanecem limitadas tanto em volume como em flexibilidade, referiu o relatório...»

- Para consultar o relatório, ver [«Priced out: The rising cost of borrowing for low- and lower-middle-income countries»](#)

Devex – FMI insta África Subsariana a concentrar a ajuda «onde o impacto é maior»

<https://www.devex.com/news/imf-urges-sub-saharan-africa-to-focus-aid-where-impact-is-greatest-112294>

“Funcionários do Fundo Monetário Internacional afirmam que os cortes tradicionais na ajuda estão a obrigar os governos africanos a repensar as suas prioridades de financiamento, sendo os Estados frágeis os que se encontram sob maior pressão.”

Devex – Países em desenvolvimento lançam uma Plataforma de Mutuários para combater a dívida

<https://www.devex.com/news/developing-nations-launch-a-borrowers-platform-to-tackle-debt-112279>

«A plataforma funciona como **uma espécie de contrapeso ao Clube de Paris**, um grupo **com 70 anos** que ajuda as nações ricas a coordenar os esforços de alívio da dívida em todo o mundo.»

“A Plataforma dos Mutuários foi anunciada pela primeira vez na Quarta Conferência Internacional sobre Financiamento para o Desenvolvimento, realizada no ano passado em Espanha — e, nos últimos nove meses, o Egito impulsionou essa visão como presidente de um grupo de trabalho **composto por sete países**. ... Atualmente, **28 países aderiram à plataforma**, incluindo os membros do grupo de trabalho da iniciativa: Egito, Colômbia, Honduras, Maldivas, Nepal, Paquistão e Zâmbia. **O Paquistão desempenha as funções de vice-presidente da iniciativa, e a agência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento () presta apoio técnico e administrativo na qualidade de secretariado.**»

- Veja também [Notícias sobre as Alterações Climáticas - O sistema de dívida falido deve ser corrigido para enfrentar futuros choques climáticos](#)

“O novo fórum apoiado pela ONU **deve desafiar um sistema global que deixa muitas nações do Sul Global sem qualquer margem de manobra fiscal para lidar com desastres climáticos e crises económicas.**”

“Ao organizar o novo fórum de mutuários, o Sul Global está a sinalizar que a era da “definição de normas” passiva por parte dos credores chegou ao fim. O objetivo final da sociedade civil global e dos movimentos pela justiça da dívida é o estabelecimento de uma **Convenção da ONU sobre a Dívida**; um quadro democrático, vinculativo e inclusivo que regule tanto os credores como os mutuários. Este mecanismo garantiria que a reestruturação e o cancelamento da dívida fossem suficientes para permitir que os países cumpram as suas obrigações internacionais em matéria de direitos humanos e implementem as ações climáticas necessárias....”

Devex – O tão esperado fundo para perdas e danos prepara-se para entrar em ação

<https://www.devex.com/news/long-awaited-loss-and-damage-fund-prepares-to-deliver-112308>

(acesso restrito) “Após anos de negociações, **o fundo para perdas e danos está a entrar na fase de implementação, com subvenções iniciais destinadas a testar se é capaz de prestar apoio real aos países vulneráveis às alterações climáticas.**”

... as **primeiras aprovações de financiamento são esperadas já em julho...**”

Devex Pro – Diretor do PNUD: Teremos de fazer mais com menos

<https://www.devex.com/news/undp-chief-we-will-have-to-do-less-with-less-112302>

(acesso restrito) “**Alexander De Croo, administrador do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento**, afirma que os cortes na ajuda dos EUA e de outros doadores revertem décadas de ganhos na luta contra a pobreza.”

Doadores dão início à ronda de investimentos do GFF com mais de 800 milhões de dólares para acelerar a redução da mortalidade materno-infantil

<https://mailchi.mp/worldbank/donors-kickstart-gff-investment-round-with-more-than-usd-800-million?e=af9a938937>

«Novos compromissos marcam um início forte — com **mais de 80% dos fundos angariados para a meta de 2026.**»

«Estes compromissos **marcam o início da [nova ronda de investimentos](#) do GFF, Entre 2026 e 2030, o GFF pretende expandir as suas operações de 36 para 50 países com as taxas mais elevadas de mortalidade materna e infantil, e prevê-se que mobilize 12,5 mil milhões de dólares em financiamento do WBG, 17,8 mil milhões de dólares em recursos de parceiros e 21,4 mil milhões de dólares em recursos nacionais** para ampliar intervenções de saúde de alto impacto. Estes esforços contribuirão para o objetivo do WBG de alcançar 1,5 mil milhões de pessoas com serviços de saúde de qualidade e acessíveis até 2030. ...”

PMNCH – Reuniões da Primavera do Banco Mundial de 2026: Quadro de Mensagens Proteger o Financiamento para Mulheres, Crianças e Adolescentes: Uma Escolha Fiscal e Política

<https://pmnch.who.int/docs/librariesprovider9/meeting-reports/world-bank-spring-meetings-2026-messaging-framework--.pdf>

Documento de duas páginas. Com **uma abordagem dupla**: Vertente 1: Proteger e expandir o financiamento interno para as mulheres, crianças e adolescentes; Vertente 2: Proteger e redirecionar o financiamento externo e multilateral.

E um link:

- [Nota do CGD – Ainda ausentes no topo: Mulheres e liderança sénior nas instituições financeiras internacionais](#) ((por E Kandpal et al)

«Num [documento de trabalho de 2023](#), documentámos como as mulheres continuavam bastante sub-representadas em cargos de liderança sénior nas instituições financeiras internacionais (IFIs), apesar de décadas de compromissos declarados com a igualdade de género. **Esta nota revisita e atualiza essa análise utilizando dados recentemente compilados até 2025**, com base em listas de liderança alargadas e revistas nos principais bancos multilaterais de desenvolvimento e instituições financeiras internacionais. **Os números atualizados mostram que, embora a representação das mulheres tenha melhorado em algumas instituições — principalmente nos bancos regionais —, o progresso continua desigual e frágil, com lacunas persistentes no topo da tomada de decisões económicas globais — e, surpreendentemente, alguns indícios de retrocesso no Fundo Monetário Internacional e no Banco Mundial.**»

Reforma e reimaginação da saúde global (+ pós-2030)

Boletim de governação da saúde – edição de 15 de abril

David Clarke; <https://www.linkedin.com/pulse/health-governance-dispatch-week-15-april-2026-david-clarke-4xae/>

«A saúde global está a entrar numa nova fase. Ao longo dos desenvolvimentos desta semana, **três dinâmicas** estão a convergir: **o poder está a ser renegociado** entre Estados, instituições e regiões; **os recursos estão a diminuir** mais rapidamente e de forma mais acentuada do que o esperado; e **a conceção do sistema está a ficar para trás em relação a ambos**. Nenhuma destas questões é nova, individualmente. Juntas, estão a remodelar a lógica de funcionamento da governação global da saúde...

Re 1. Poder: a Declaração de Lyon e o Reinício de Acra

«Dois desenvolvimentos desta semana indicam que a reforma da arquitetura passou do debate entre especialistas para a negociação política formal. ... Em conjunto, estes desenvolvimentos apontam para uma **redistribuição da autoridade na definição da agenda: das comunidades de especialistas para os atores políticos e de agendas concentradas para agendas mais plurais.**»

Re 2. Escassez: o colapso da Ajuda Pública ao Desenvolvimento (APD), agora confirmado e pior do que previsto

“... Num sistema em expansão, a governação tem a ver com coordenação. Num sistema em contração, passa a ter a ver com **alocação, priorização e compromissos** — quem decide o que é financiado e o que não é, quais as populações que são priorizadas, quais as instituições que se adaptam e quais as que se tornam marginais. A escassez não reduz apenas os recursos. Ela acentua o poder e expõe as fraquezas nos quadros de tomada de decisão.”

Re 3. Conceção: um sistema construído para um mundo diferente

A questão mais profunda é que a atual arquitetura global de saúde não foi concebida para esta combinação de autoridade distribuída e escassez sustentada. As suas características centrais — mandatos institucionais fragmentados, fluxos de financiamento verticais, mecanismos de responsabilização difusos — refletem uma era diferente. Nas condições atuais, estão a tornar-se constrangimentos.

Clarke conclui: «**A Declaração de Lyon, o Painel de Reinício de Acra, o colapso da APD, as evidências das PPP no Sul da Ásia — estas não são histórias separadas. Descrevem um sistema em transição: o poder a tornar-se mais distribuído e contestado, a escassez a tornar-se estrutural em vez de cíclica, e o desenho a emergir como o fator limitante do desempenho...**»

Infográfico sobre os processos de reforma da saúde global (e ameaças) (pela Partnership for International Politics and Diplomacy for Health)

Ver [A Nordström no LinkedIn:](#)

«Estamos a atravessar um período de grande dinamismo na reforma global da saúde — mas **orientar-se no panorama de iniciativas, processos e propostas pode ser complicado.**

Para ajudar, criámos este **infográfico que resume:**
Os fatores estruturais subjacentes aos debates atuais sobre a reforma; Os marcos-chave no calendário da reforma, desde o Gavi Leap e o Accra Reset até ao processo emergente liderado pela OMS; As ameaças que podem impedir mudanças significativas.

2026 é um ano crítico. A oportunidade existe, mas também existem os riscos da inação.»

Passblue - A fusão das entidades da ONU para a igualdade de género avança apesar das dúvidas e dos riscos

<https://passblue.com/2026/04/08/merging-of-un-gender-entities-moves-ahead-despite-doubts-and-risks/>

“A pressão para consolidar as duas agências das Nações Unidas dedicadas aos direitos das mulheres e à saúde reprodutiva abriu caminho para a sua fusão.”

“Uma **avaliação inicial realizada no âmbito da Iniciativa UN80**, o plano de reforma a nível de todo o sistema para tornar o organismo mundial mais ágil, **propôs a fusão da ONU Mulheres e do Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA) numa “entidade composta”**. Isso significa que as duas organizações serão reunidas sob uma única estrutura de governação, mantendo, no entanto, os seus mandatos separados. O **documento, publicado a 30 de março, é o primeiro a apresentar um modelo concreto para a fusão proposta** desde que esta foi anunciada no início de 2025 como parte do plano UN80 do Secretário-Geral da ONU, António Guterres.....”

PS: **“A fusão reflete o quão precária é a viabilidade dos programas de género na ONU, à medida que o governo dos EUA, sob a presidência de Trump, continua a montar uma oposição implacável contra a saúde sexual e os direitos reprodutivos.** Além de se retirar do UNFPA, o PassBlue relatou como os EUA pressionaram para reinterpretar o género como um termo que se refere estritamente a homens e mulheres, durante a conferência anual sobre direitos das mulheres em março. **Além disso, alguns países asiáticos e africanos querem que os mandatos das agências se alinhem mais com os seus interesses nacionais.** Esta dinâmica, dizem os especialistas, reabriria oportunidades para que países com políticas de género restritivas renegociassem os termos acordados....”

- Relacionado: via **Development Today**: [Suécia: Mandatos de género e saúde sexual e reprodutiva conquistados com dificuldade podem ser anulados pela fusão do UNFPA e da ONU Mulheres](#)

(acesso restrito) (por **A D Usher**) “À medida que o debate sobre a proposta de fusão das duas entidades da ONU se arrasta, a **Suécia surgiu como uma crítica veemente do processo, apelando a uma revisão baseada em evidências que pondere riscos e benefícios, em vez de um facto consumado.** “Devemos ter uma avaliação adequada antes de tomarmos uma decisão”, afirma o embaixador Andreas von Uexkull à *Development Today*.”

Devex – Uma nova coligação traça a cooperação para o desenvolvimento num mundo «hostil»

<https://www.devex.com/news/a-new-coalition-maps-development-cooperation-for-a-hostile-world-112306>

“A **Coligação para o Futuro da Cooperação para o Desenvolvimento** realizou a sua **primeira reunião à margem das Reuniões da Primavera do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional**, em Washington, D.C.”

“A **cooperação para o desenvolvimento deve ser repensada de forma fundamental para uma ordem mundial mais dura e fragmentada**, de acordo com líderes globais de alto nível que formaram uma nova coligação com esse objetivo.”

“Os **modelos tradicionais de ajuda externa estão sob pressão**, à medida que a ajuda oficial ao desenvolvimento diminui e a competição geopolítica se intensifica, afirmaram. **É por isso que formaram a Coligação para o Futuro da Cooperação para o Desenvolvimento**, uma iniciativa independente que reúne líderes do governo, da sociedade civil, do meio académico, da filantropia e do setor privado. **O ponto de partida da coligação é o reconhecimento de que o mundo se tornou “mais hostil, mais orientado para o poder, mais instável, menos previsível” e que o paradigma tradicional de ajuda de cima para baixo não consegue responder aos desafios atuais**, afirmou a copresidente da coligação, Arancha González, na Cimeira Capital da Devex, durante as Reuniões da Primavera do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, em Washington, D.C....”

Daniel Reidpath - Uma Nova Arquitetura Global de Saúde: Maximizar os Retornos em Saúde

<https://www.papyruswalk.com/2026/04/a-new-global-health-architecture-maximising-health-returns/>

Reidpath conclui: «... **A convergência entre pressão fiscal, reforma institucional e inovação financeira cria uma oportunidade significativa para reestruturar a arquitetura global da saúde em torno de princípios de equidade, eficiência, alinhamento e sustentabilidade.** Através da estruturação de **Unidades de Equidade Populacional**, da implementação do **Índice de Valor de Retorno em Saúde** e da **mobilização gradual dos mercados de capitais**, **é possível construir Carteiras de Equidade em Saúde que sejam resilientes, adaptáveis e orientadas para o desempenho.** Tal abordagem garante que, mesmo em condições de financiamento limitado, os sistemas de saúde possam continuar a proporcionar valor mensurável em grande escala aos governos nacionais. **A sustentabilidade do sistema de saúde é preservada através do alinhamento disciplinado do investimento com o valor comprovado para a população.**»

Africa.com (Opinião) - Para além da ajuda: Por que razão África deve avançar para uma era pós-dependência

Por Dra. Olive Shisana e Sr. Elhadj As Sy; <https://africa.com/beyond-aid-why-africa-must-move-into-a-post-dependency-era/>

«... tal como revelado durante [o Diálogo Regional sobre a Reforma Global da Saúde – África](#) [organizado **pela Amref Health Africa em conjunto com a Wellcome**], África não sofre tanto de um défice de financiamento como de uma **lacuna na economia política**. A dependência da ajuda é simplesmente um sintoma. O problema central é a capacidade limitada do continente para moldar as regras globais, as prioridades e as estruturas de governação que determinam os resultados em matéria de saúde.»

«Esta conclusão surgiu de forma consistente durante as consultas realizadas nas cinco regiões de África. Os participantes foram claros ao afirmar que o futuro da saúde em África não pode assentar em modelos dependentes da ajuda que enfraquecem a soberania, fragmentam as prioridades nacionais e diluem a influência política do continente. A reforma, argumentaram, deve começar com uma mudança no poder, e não apenas com uma alteração nos fluxos de financiamento...»

Editorial do BMJ – O que a avaliação de segurança ambiental do Reino Unido significa para a saúde pública global

L Willetts, R van de Pas et al; <https://www.bmj.com/content/393/bmj.s632>

“Os países que investem na proteção dos ecossistemas estão em melhor posição para enfrentar as ameaças à saúde.”

“A avaliação de segurança nacional sobre a perda global de biodiversidade realizada pelo Departamento de Ambiente, Alimentação e Assuntos Rurais do Reino Unido (Defra) é uma ação ambiental marcante que é importante para a saúde planetária, a saúde humana e as instituições de saúde em todo o mundo. Conclui que é altamente provável que o colapso dos ecossistemas já em 2030 acarrete riscos para a segurança humana e internacional e que todos os países estão expostos a riscos decorrentes da perda de biodiversidade dentro e fora das suas fronteiras...”

“... O âmbito e a prática atuais da segurança sanitária são demasiado limitados para fazer face ao colapso dos ecossistemas à escala nacional, regional ou global. Há muito que se impõe um papel para a ecologia nos diálogos, definições, decisões e financiamento da segurança sanitária, e as instituições devem avançar para abordar estruturalmente a One Health (uma abordagem integrada e unificadora que visa equilibrar a saúde das pessoas, dos animais e dos ecossistemas) e os riscos para a saúde planetária na mesma plataforma e nos planos nacionais de segurança sanitária...”

“Ao colocar a segurança ecológica em prática, o Reino Unido convida à reflexão sobre se a definição operacional de saúde estabelecida na constituição da Organização Mundial da Saúde — que não inclui o ambiente natural — é adequada ao seu propósito. Desde 2020, a segurança da natureza tem liderado o relatório anual de riscos globais do Fórum Económico Mundial. Académicos indígenas aconselharam recentemente a adaptação da definição de saúde, com 80 anos, para uma enquadrada na saúde planetária, o que faz sentido se a natureza for entendida como a base da saúde, do bem-estar e da segurança humana. “

“As perspetivas regionais sobre a segurança humana e da natureza também devem ser tidas em conta. Metade dos países do crescente bloco económico BRICS, composto por nações do Sul Global e do Médio Oriente, são classificados como megadiversos em termos de biodiversidade (Brasil, China, Índia, Indonésia e África do Sul). Um grupo de países megadiversos (semelhante ao BRICS+), negocia rotineiramente e de forma crescente como um bloco no que diz respeito à utilização dos seus recursos naturais em acordos relacionados com a biodiversidade e o comércio (), e define coletivamente prioridades de saúde. Da mesma forma, a União Africana, que representa 1,5 mil milhões de pessoas, colocou os recursos hídricos no centro da agenda de 2026 e dos objetivos de 2063 do continente...

“... A comunidade global de saúde pública deve responder à avaliação do Reino Unido com algumas ações-chave. ...”

PS: «**Em 2027, as discussões globais darão início à formalização dos preparativos para uma agenda de desenvolvimento global pós-2030.** As conclusões da avaliação do Reino Unido fornecem uma bússola inicial para traçar novos caminhos potenciais para este trabalho e **dar prioridade a uma abordagem coletiva de segurança sanitária planetária...**»

- E via Devex - [A crise de identidade da Ajuda Pública ao Desenvolvimento \(APD\)](#)

«... Segundo o presidente [do Comité de Ajuda ao Desenvolvimento \(CAD\)](#), Carsten Staur, na última contagem [da OCDE](#), havia 19 iniciativas diferentes em curso para reposicionar, reinventar ou reimaginar o desenvolvimento global.»

«No próximo mês, em Paris, a conferência da OCDE sobre o Futuro da Cooperação para o Desenvolvimento tentará “criar um todo coletivo a partir de todos os diferentes processos de reflexão e discussão em curso”, segundo Staur... “Ele afirma que o CAD continua a ser o local onde essa “discussão coletiva” entre os doadores pode ocorrer. Mas será que o governo dos EUA — responsável por três quartos da queda da APD do ano passado — continua a ser um participante ativo nessas conversas? “Tenho uma reunião com o Departamento de Estado esta tarde” ...”

Corrida à Direção-Geral da OMS

HPW – Diretor-Geral da OMS na Alemanha para uma série de reuniões de alto nível – O que está em jogo?

<https://healthpolicy-watch.news/who-director-general-in-germany-for-series-of-high-level-meetings-whats-at-stake/>

Leitura obrigatória. “Com a visita do Diretor-Geral da OMS, Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus, à Alemanha, poderá estar a desenrolar-se em Berlim uma semana de alto risco para o futuro papel da Alemanha na Organização Mundial da Saúde.” Alguns excertos:

“Na segunda-feira, Tedros iniciou uma visita de alto nível de dois dias à Alemanha a convite da Cimeira Mundial da Saúde, [da qual tem sido patrono.](#) A visita inclui também, alegadamente, reuniões solicitadas por Tedros com o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Johann Wadepful, a Ministra da Saúde, Nina Warken, e o Presidente da Câmara de Berlim, Kai Wegner, bem como com membros do Bundestag, ou Parlamento, alemão. Entretanto, o chanceler alemão Friedrich Merz

recusou um pedido do Diretor-Geral para convocar uma reunião, segundo soube o *Health Policy Watch*. A questão é esta: o que é que Tedros está exatamente a fazer em Berlim e por que razão está a dar prioridade a reuniões bilaterais com ministros alemães um mês antes da Assembleia Mundial da Saúde? De acordo com um porta-voz da OMS, a resposta é simples: ele está em Berlim “a convite” da Cimeira Mundial da Saúde. ...”

“... No entanto, fontes diplomáticas revelaram ao *Health Policy Watch* que as reuniões têm menos a ver com a Cimeira Mundial da Saúde e mais com a iminente perda das doações voluntárias da Alemanha à OMS – bem como com o posicionamento da Alemanha na próxima corrida para o cargo de Diretor-Geral da OMS. “

“... Na sequência da retirada dos EUA da OMS, a Alemanha emergiu como o maior Estado-membro doador da Organização. Mas, alegadamente, está a reduzir as suas contribuições voluntárias tanto em 2026 como em 2027 e não é claro se irá cumprir com a totalidade dos [262,2 milhões de dólares em financiamento](#) prometidos na Cimeira Mundial da Saúde em outubro de 2024 para os anos de 2025-2028. Desde esse compromisso de 2024, apenas 67,7 milhões de dólares foram entregues. Os restantes 200 milhões de dólares prometidos continuam em aberto. ...» «Os planos da Alemanha de reduzir para metade o seu financiamento anual ao [Centro da OMS para Informação sobre Pandemias e Epidemias](#), sediado em Berlim, de 30 milhões de euros para 15 milhões de euros, foram [noticiados pelo Health Policy Watch](#) em janeiro...»

“Outra questão provável nas discussões bilaterais é a campanha eleitoral para o próximo Diretor-Geral da OMS. ... Dois influentes atores da política de saúde alemã têm de olho na corrida, conforme relatado em fevereiro [pelo Health Policy Watch](#) e pelos meios [de comunicação alemães](#). Entre eles estão o ex-ministro da Saúde alemão Karl Lauterbach e Paul Zubeil, vice-diretor-geral de Política de Saúde Europeia e Internacional no Ministério alemão.”

“... Nos círculos políticos alemães, está em curso, no entanto, um debate sobre como o país se deve posicionar na corrida ao cargo de Diretor-Geral. “A opinião alemã sobre se deve haver um candidato [a Diretor-Geral da OMS] é altamente contestada dentro e fora dos ministérios. A política externa alemã pode ter outros problemas neste momento para além de conduzir uma campanha [para a OMS]», afirmou um especialista na arena europeia. **No que provavelmente serão os últimos contactos estratégicos de Tedros com a Alemanha antes do início da corrida, sabe-se que ele está a encorajar os seus homólogos em Berlim a não entrarem na disputa e, [em vez disso, a apoiarem candidatos aliados](#), de acordo com fontes da OMS.** As preferências pessoais de Tedros na corrida, embora sejam objeto de especulação informal, ainda não foram reveladas. ...

(ao contrário da França – onde poderá haver três candidatos) «... **quer por opção deliberada, quer por deriva, a Alemanha corre o risco de ser marginalizada tanto do Conselho Executivo da OMS como do debate mais alargado sobre a liderança da OMS, afirmam os críticos.** ...»

PS: “**Momento decisivo em Berlim face a Washington DC?** Deixando de lado as considerações financeiras, as relações entre a Alemanha e Washington encontram-se num dos seus pontos mais baixos das últimas décadas, com o presidente dos EUA, Donald Trump, a atacar repetidamente os seus aliados europeus em matéria de defesa, comércio e alinhamento com as prioridades dos EUA. Ao mesmo tempo, [Merz alertou para uma profunda divisão entre a Europa e os EUA](#), embora continue a insistir que a cooperação transatlântica deve ser preservada. **É exatamente aí que a corrida à OMS se torna mais do que uma decisão em matéria de saúde. Torna-se uma alavanca diplomática.** Numa altura em que Washington é cada vez mais transaccional e orientada para as

relações, Berlim apresentar um candidato credível poderia sinalizar alinhamento, em vez de distância, afirmaram algumas fontes que falaram com a *Health Policy Watch*. Uma delas disse: «Poderia demonstrar que a Alemanha está disposta a liderar onde é importante, a redefinir o rumo da OMS e a fazê-lo de uma forma que mantenha os EUA ancorados nas instituições globais, em vez de se afastarem ainda mais.» ...»

Stat - Um alto funcionário da OMS enfrenta as consequências da guerra no Irão e pondera a candidatura a um papel ainda mais importante

[Stat](#):

“Hanan Balkhy é vista como uma possível candidata a tornar-se a próxima diretora-geral da agência.”

“Balkhy é diretora da região do Mediterrâneo Oriental da Organização Mundial da Saúde... ... Numa entrevista recente à STAT, Balkhy falou sobre a sua intenção de entrar na corrida, o dilema que Washington irá colocar às pessoas que disputam o cargo de próximo diretor-geral e os desafios que a sua organização, conhecida no mundo da OMS como EMRO, enfrenta devido à guerra no Irão e além.”

“Primeiro, alguns antecedentes sobre Balkhy. Ela é **uma pediatra da Arábia Saudita** que estudou na Universidade Rei Abdulaziz antes de fazer a residência em pediatria no Massachusetts General Hospital e uma especialização em doenças infecciosas pediátricas na Cleveland Clinic Foundation e na Case Western Reserve University. **Antes de ser eleita diretora regional da EMRO no início de 2024, desempenhou as funções de diretora-geral adjunta da OMS para a resistência aos antimicrobianos durante cerca de cinco anos. ...”**

Mais sobre governação e financiamento da saúde global

Lancet (Comentário) – Enfrentar a emergência do financiamento da investigação em saúde global para sustentar os ecossistemas nacionais de investigação em saúde

Kumanan Rasanathan et al ; [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(26\)00657-4/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(26)00657-4/fulltext)

Comentário organizado pela Aliança. Via LinkedIn:

“Um novo comentário na revista **The Lancet**, co-autoria do Diretor Executivo da Aliança, Kumanan Rasanathan, e de 21 colegas de toda a África, Ásia, Europa, Médio Oriente e América do Norte, **argumenta que, enquanto o debate se centra no que os cortes nas despesas significam para os serviços de saúde, outra vítima grave está a ser ignorada: as instituições nacionais de investigação de que os países dependem para gerar as suas próprias evidências de saúde.** O problema não é simplesmente os cortes atuais. A maioria dos países tem investido de forma cronicamente insuficiente na investigação em saúde há décadas, e muitos dependem fortemente de financiamento externo de curto prazo e baseado em projetos, que não consegue sustentar a

infraestrutura central, os sistemas regulatórios e as carreiras de investigação necessárias para manter as instituições viáveis. **O Comentário apela ao investimento em todo o espectro da investigação em saúde – desde a investigação de implementação e políticas que servem as prioridades nacionais imediatas, até ao trabalho biomédico e em ciências da vida a longo prazo – e para que os parceiros internacionais passem do financiamento baseado em projetos para o financiamento institucional a longo prazo.”**

«Este Comentário coincide com o lançamento, por parte da Aliança, de um novo programa de trabalho sobre o financiamento da investigação em saúde, que apoia os países e os parceiros a acompanhar e reforçar o investimento nacional na investigação...»

Mais algumas citações:

«Poucos países de rendimento médio-baixo (LMIC) cumpriram a meta adotada pelos Estados-Membros da OMS em 2005, segundo a qual os países deveriam gastar pelo menos o equivalente a 2% das despesas de saúde em “investigação nacional essencial em saúde”. Dado que as despesas globais de saúde representam quase 10% do produto interno bruto (PIB) mundial, esta meta exige uma média de quase 0,2% do PIB em investigação em saúde. **Mais de metade dos países, na sua maioria países de rendimento baixo e médio, gastam menos de 0,05% do PIB em investigação na área da saúde...”**

«...Países como a China, a Índia e a África do Sul¹⁶ demonstram que é possível um maior investimento interno, reconhecendo que a investigação em saúde não é um fim em si mesma, mas sim um motor do progresso social e económico...»

Os autores concluem: «Os países de rendimento médio e baixo enfrentam grandes obstáculos à concretização do potencial de avanço da investigação em saúde nos seus países, devido a crises fiscais, infraestruturas públicas inadequadas (incluindo no domínio da IA), mão de obra insuficiente e desigualdades estruturais no acesso a bens públicos globais, nomeadamente no que diz respeito à propriedade intelectual. **Os países de rendimento médio e baixo podem aproveitar as atuais iniciativas em prol da soberania sanitária para superar estes desafios, priorizando o financiamento da investigação em saúde como um investimento social e económico fundamental, desenvolvendo infraestruturas públicas digitais e capacidade regulatória para permitir um avanço significativo, estabilizando a sua força de trabalho de investigação existente e colaborando em plataformas regionais e globais para reunir conhecimentos, partilhar recursos e moldar os mercados.»**

Lancet – Offline: Revitalizar a One Health — obrigado!

R Horton; [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(26\)00741-5/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(26)00741-5/fulltext)

Horton volta a abordar a **cimeira One Health** da semana passada em Lyon. Inclui uma visão bastante «otimista» de Macron, na minha opinião.

“... Apesar de estar no centro do debate europeu sobre a guerra travada pelos Estados Unidos e Israel contra o Irão e o Líbano, e na véspera da libertação de dois reféns franceses detidos no Irão há quase 4 anos, **Macron veio a Lyon para abrir a Cimeira e dar o seu apoio pessoal à One Health num mundo pós-pandémico.** O momento foi um marco na história recente da saúde global...» «O encontro foi **uma celebração surpreendente e gloriosa do multilateralismo...**»

“... Perguntei à Embaixadora da França para a Saúde Global, Anne-Claire Amprou, por que razão a França tinha investido capital político na One Health e se a Cimeira teria algum efeito duradouro. Ela disse que o Presidente Macron tinha um intenso compromisso pessoal com estas questões (ele cresceu numa família de médicos). **Ele faria da One Health uma parte importante da liderança francesa no G7 este ano.** Será fantasioso esperar que a reunião em Lyon possa fazer pelo One Health em 2026 o que Alma-Ata fez pela Saúde para Todos em 1978? Talvez. Mas a liderança da França poderia desencadear o início de um renascimento no compromisso político, na parceria e na tomada de decisões baseadas na ciência para a saúde. E, quem sabe, poderia ser um dos legados mais importantes do presidente Macron.»

- Relacionado: **Relatório Mundial da Lancet – [Compromissos de Lyon visam promover a One Health](#)**

“O presidente francês Emmanuel Macron promete ação em prol da One Health, com **um conjunto de compromissos anunciados na nona Cimeira One Health.** Faith McLellan reporta a partir de Lyon.”

Citação: «...Os **compromissos da França e de outros países foram, de um modo geral, bem recebidos.** “É importante que a One Health tenha sido colocada de forma tão visível na agenda do G7, numa altura em que a saúde global está, de resto, a ser enfraquecida, bem como para destacar a importância da OMS e do seu trabalho”, afirmou Ilona Kickbusch (Instituto de Pós-Graduação, Genebra, Suíça). “Esta reunião **posicionou a One Health como uma estratégia prioritária para lidar com muitas das nossas questões de saúde mais desafiantes.**””

Devex Pro - Cortes no Fundo Global sinalizam uma mudança mais acentuada em direção aos países mais pobres

<https://www.devex.com/news/global-fund-cuts-signal-sharper-shift-toward-poorest-countries-112285>

(acesso restrito) “**A maioria dos países com os maiores cortes também está a sair do apoio do Fundo Global nos próximos anos, o que significaria que os recursos do fundo se concentrarão mais nos países de rendimento mais baixo no futuro.**”

«À medida que o panorama do financiamento global da saúde se reduz, os países elegíveis para apoio do [Fundo Global de Combate à SIDA, Tuberculose e Malária](#) enfrentam uma diminuição das dotações para os próximos três anos, sendo que os **cortes mais acentuados recaem principalmente sobre os países de rendimento médio-alto que já se encontram em vias de deixar de receber apoio do financiador multilateral.** Entre os **10 países mais afetados**, os cortes variam entre 46% na Tailândia e 79% na Arménia. **Nove dos 10 países também deverão deixar de receber apoio do Fundo Global nos próximos anos** — o que indica que, no futuro, uma maior parte dos recursos do fundo será direcionada para os países de rendimento mais baixo.”

“**Mas alguns países de rendimento médio-baixo também estão a registar reduções significativas na dotação. A Índia vai receber 300 milhões de dólares, 40% menos do que os 500 milhões de dólares que lhe foram atribuídos no último ciclo de subvenções...**”

Geneva Health Files — O que a decisão da OPAS sobre a situação do sarampo nas Américas revela sobre a supervisão dos Estados poderosos?

<https://newsletter.genevahealthfiles.com/what-pahos-decision-on-the-status-of-measles-in-the-americas-reveals-about-oversight-of-powerful-states/?ref=geneva-health-files-newsletter>

“Anne Jomard discute uma decisão recente da OPAS relativa à situação do sarampo na região das Américas. Mas isto não se resume apenas à imunização. A análise aborda implicações mais amplas: o que significa para os países fazer parte de organizações regionais como a OPAS, mesmo quando optam por se retirar da OMS. Jomard levanta uma questão pertinente: “quais são os limites da supervisão independente dentro de uma arquitetura regional de saúde quando o financiador dominante sai do organismo global, mas mantém influência sobre o regional”. É certo que a decisão da OPAS, por si só, não constitui prova de interferência política, mas a autora argumenta que “ela cria condições nas quais a percepção de deferência é difícil de evitar, mesmo quando as justificações técnicas são reais”.

«A decisão da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) de adiar a sua revisão do estatuto de eliminação do sarampo nos Estados Unidos — de abril para novembro de 2026 — levanta a questão de saber se um organismo internacional de saúde pode manter uma supervisão independente e rigorosa de um Estado-membro poderoso...»

Euractiv – A iniciativa global da UE em matéria de saúde enfrenta dúvidas iniciais quanto ao financiamento e à orientação

<https://www.euractiv.com/news/eus-global-health-push-faces-early-doubts-over-funding-and-direction/>

(acesso restrito) «A indústria e os grupos de saúde global têm apenas um mês para apresentar os seus comentários.»

Lancet Regional Health Europe (Editorial) - A humanidade em primeiro lugar, não o país

[https://www.thelancet.com/journals/lanep/article/PIIS2666-7762\(26\)00076-1/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanep/article/PIIS2666-7762(26)00076-1/fulltext)

Editorial sobre uma «... **questão fundamental: as decisões geopolíticas devem ser orientadas pelos interesses pessoais dos líderes, pelo interesse nacional e pela rivalidade geopolítica, ou pela proteção da humanidade em geral?**»

“A escalada de conflitos em várias regiões reflete uma **mudança mais profunda na política global no sentido de uma abordagem que coloca o país em primeiro lugar**, na qual a política de poder e a competição estratégica moldam a tomada de decisões com pouca consideração pelas consequências humanas. Quando esta abordagem domina os assuntos globais, a proteção da vida humana, dos sistemas de saúde e do bem-estar civil torna-se irrelevante. **Para reverter esta tendência, é necessário um princípio orientador diferente: uma abordagem que coloque a humanidade em primeiro lugar.**”

“Colocar a humanidade em primeiro lugar não significa ignorar a segurança nacional ou as realidades políticas. Significa, antes, reconhecer que a proteção da vida humana e do bem-estar deve continuar a ser o princípio orientador da tomada de decisões a nível nacional. Esta abordagem dá prioridade à proteção dos civis, salvaguarda os sistemas de saúde e os trabalhadores humanitários e defende o direito internacional, incluindo as Convenções de Genebra, que exigem a proteção dos civis e das infraestruturas civis durante os conflitos, e os princípios da Carta das Nações Unidas que restringem o uso da força entre Estados....”

Comentário da Lancet – Saúde global e a política do desprezo

A Smith et al; [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(26\)00643-4/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(26)00643-4/fulltext)

“A escalada do conflito no Médio Oriente, o retrocesso democrático enraizado e o desmantelamento deliberado do multilateralismo são sintomáticos de uma crise de impunidade política que põe em risco a sociedade civil e o bem-estar coletivo. Numa altura em que são urgentemente necessárias respostas ponderadas a desafios geopolíticos complexos, a crueldade performativa e os abusos de poder descontrolados estão a definir cada vez mais a liderança política, fragmentando os valores de cooperação que sustentam a saúde global.”

«A governação eficaz continua a ser um determinante fundamental da saúde, mas enfrenta ameaças crescentes, particularmente em sistemas políticos que recompensam traços de personalidade aversivos...»

“... Estas dinâmicas estão a ser agravadas por défices de empatia e violações éticas nos mais altos cargos, o que pode alterar as perceções de conduta aceitável através da aprendizagem social, da dessensibilização moral e de sinais comportamentais que se propagam de cima para baixo... .. Esta erosão das normas está a desestabilizar a ordem baseada em regras, com efeitos perniciosos que transcendem as fronteiras. Estados que outrora estiveram na vanguarda da ordem baseada em regras estão agora a desrespeitar o direito internacional e a abdicar de compromissos conquistados com esforço, sem consequências, o que encoraja atores oportunistas a fazer o mesmo. ...”

Os autores concluem: **«... Numa era de antiglobalismo e autoritarismo encorajado, os líderes políticos estão a atacar estes alicerces e são aclamados pelos seus apoiantes por o fazerem, com cada violação das normas a baixar o limiar para a seguinte. ... O que já está a ser perdido levará gerações a reconstruir. Como exemplificam os aumentos previstos de VIH, tuberculose e mortalidade materna nos países de rendimento mais baixo, as populações vulneráveis sentirão o fardo de forma desproporcional. A comunidade global de saúde deve chamar a esta política de desprezo pelo que ela é, redobrar esforços em prol da justiça e da responsabilização, e rejeitar a falsa neutralidade do silêncio perante a impunidade.»**

O CDC África congratula-se com o reconhecimento da UA ao Diretor-Geral, Dr. Jean Kaseya, pelos seus resultados excecionais

<https://africacdc.org/news-item/africa-cdc-welcomes-au-recognition-of-director-general-dr-jean-kaseyas-outstanding-exceptional-achievement/>

“O CDC África congratula-se com o reconhecimento do seu Diretor-Geral, S. Ex.^a o Dr. Jean Kaseya, pelo Presidente da Comissão da UA, em nome dos Chefes de Estado e de Governo africanos, pela sua liderança e realizações excecionais na promoção da segurança sanitária em África.”

«Este reconhecimento reflete um período de transformação institucional e resultados mensuráveis desde que o Dr. Kaseya assumiu o cargo em 2023, à medida que o CDC África reforçou o desempenho operacional, expandiu a gestão direta de programas e acelerou o apoio aos Estados-Membros da União Africana nas áreas da segurança sanitária, preparação para emergências, investigação e resposta a surtos...»

Devex (Opinião) – A Alemanha torna-se o principal doador de ajuda; agora deve intensificar a reforma da política global

Bodo Ellmers; [Devex](#);

«A Alemanha tornou-se o maior doador de ajuda do mundo — mas a sua ascensão, impulsionada por cortes globais e não por estratégia, expõe uma discrepância entre o peso financeiro e a liderança política.»

Por exemplo, no que diz respeito à crise da dívida.

Devex Pro - O impulso nas receitas do Maláui expõe a luta mais ampla de África contra a corrupção

<https://www.devex.com/news/malawi-s-revenue-push-exposes-africa-s-wider-struggle-with-corruption-112180>

(acesso restrito) “O Maláui está a intensificar a cobrança de receitas para compensar os cortes na ajuda. Mas os analistas alertam que a corrupção pode minar o esforço — um desafio observado em toda a África, que perde mais de 580 mil milhões de dólares anualmente devido a fugas financeiras.”

«O governo do Maláui está a aumentar a cobrança de receitas para fazer face aos cortes na ajuda externa. No entanto, os analistas alertam que é improvável que esta estratégia estabilize a economia sem combater a corrupção sistémica. O orçamento do país para 2026-2027 está fixado em 10,9 biliões de MWK (6,26 mil milhões de dólares), um aumento em relação aos 8,07 biliões de MWK do ano anterior, o que suscita algum otimismo quanto à recuperação económica. Ainda assim, os analistas questionam se o aumento das receitas — incluindo através de impostos mais elevados, automatização das taxas públicas e a criação de um fundo soberano e de uma bolsa de mercadorias — sem resolver as fugas de receitas de longa data, poderá estabilizar a economia em dificuldades.

“Mavuto Bamusi, analista político e económico do Maláui, disse à Devex que os esforços para expandir as fontes de receita serão insuficientes, a menos que o governo resolva a corrupção enraizada e a má gestão financeira.....”

The Bureau of Investigative Journalism - Um fabricante de medicamentos duvidoso e benefícios corporativos: como a ajuda à saúde do Reino Unido está realmente a ser gasta

<https://www.thebureauinvestigates.com/stories/2026-04-09/dodgy-drug-makers-and-corporate-perks-how-uk-health-aid-is-really-being-spent>

“A **British International Investment** canalizou milhões em dinheiro da ajuda pública para empresas envolvidas em escândalos.”

“Milhões em ajuda do Reino Unido estão a **financiar empresas ligadas a escândalos, como medicamentos contaminados**; os investimentos deveriam estar a melhorar o acesso a cuidados de saúde de qualidade na Índia, onde milhões de pessoas não têm meios para os pagar. Estes investimentos financiados pelos contribuintes fazem parte do orçamento de ajuda do Reino Unido, que está a diminuir – este dinheiro precisa de ser gasto com cuidado”

Relativamente à **British International Investment (BII)**. “... milhões de libras em ajuda à saúde do Reino Unido geridas pela BII foram canalizadas para empresas profundamente questionáveis, incluindo uma que fabricou medicamentos oncológicos contaminados e outra que presta cuidados de saúde corporativos a empresas de mil milhões de dólares....”

New Humanitarian - Para onde vai a ajuda: o interesse próprio prevalece sobre a necessidade

I Loy; <https://www.thenewhumanitarian.org/maps-and-graphics/2026/04/10/what-latest-oecd-numbers-tell-us-about-future-aid>

“Num mundo mais transacional, os governos doadores estão a dar prioridade aos interesses nacionais e à estratégia geopolítica em detrimento das necessidades nos seus orçamentos de ajuda.”

“Países como o Reino Unido, os EUA, a Suécia e a Alemanha (agora o principal doador entre os países do CAD, de acordo com as estatísticas da APD) estão a **cortar de forma mais explícita o financiamento da ajuda a áreas onde os seus interesses estratégicos são considerados menores**. Alguns estão a associar intencionalmente os cortes ao aumento das despesas militares....”

“...A ajuda encontra-se numa encruzilhada: os números reforçam o que os humanitários já sabem: a ajuda externa dos doadores habituais está a diminuir. Mas há uma questão mais profunda por detrás das estatísticas: a cooperação para o desenvolvimento está morta?.... “

“...Staur, da OCDE, afirma que os países precisam de encontrar uma nova narrativa para a APD. A ajuda registou uma **queda semelhante na década de 1990** – embora espalhada por vários anos –, altura em que os países tiveram de “reinventar uma nova justificação” para a sua ajuda externa após a Guerra Fria, disse Staur. **Os países encontram-se hoje num ponto de viragem semelhante**. “Nos últimos 30 anos, a APD esteve muito alinhada com a globalização, com a economia global, com o comércio livre e com uma lógica de investimento e criação de emprego baseada no crescimento”, afirmou. **Hoje, a ajuda existe num ambiente explicitamente transacional**. “Estamos a analisar regras diferentes para que a economia global funcione e a procurar onde a APD teria de encontrar o seu lugar nesse ambiente global alterado”, afirmou Staur....”

PPPR & GHS

TWN - OMS: IGWG6 suspenso, UE e outros países desenvolvidos recusaram-se a aceitar o sistema PABS equitativo

N Ramakrishnan; <https://www.twn.my/title2/health.info/2026/hi260401.htm>

(13 de abril). Análise recomendada, sobre a última ronda de negociações do PABS.

“A sexta reunião do Grupo de Trabalho Intergovernamental (IGWG6) foi suspensa devido à recusa da União Europeia e de outros países desenvolvidos em aceitar propostas para um sistema justo e equitativo de Acesso a Patógenos e Partilha de Benefícios (PABS). O Grupo de Trabalho encarregado de elaborar o Anexo PABS ao Acordo sobre Pandemias da OMS, adotado no ano passado, reuniu-se na sede da OMS em Genebra, num formato híbrido, de 23 a 28 de março de 2026.....”

Alguns excertos:

PS: **«Uma das principais razões para o impasse: a incerteza jurídica quanto ao acesso às VTD: Conforme explicado por um delegado de um país em desenvolvimento, para os observadores externos, as negociações podem parecer altamente técnicas e complexas, exigindo mais tempo para serem concluídas.** Abordam questões como a coordenação da OMS de laboratórios, bases de dados, partilha de agentes patogénicos e produção em tempo real, etc. **No entanto, no seu cerne reside uma questão simples que é fundamentalmente política: haverá segurança jurídica para o acesso equitativo aos VTDs, a fim de prevenir e responder a emergências de saúde? Desde que esta questão seja respondida com uma afirmação positiva, o sucesso do IGWG poderá ser declarado na 79.ª Assembleia Mundial da Saúde (AMS).** No entanto, as posições do Norte Global, especialmente as do G6, da UE, da Noruega, da Suíça e da Austrália, não estão a proporcionar esta confiança aos países em desenvolvimento. (O G6 é o G7 sem os Estados Unidos, que abandonaram a OMS – Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão e Reino Unido.)”

“Os países em desenvolvimento relataram três desafios principais que comprometem a exigência de segurança jurídica nas negociações sobre o PABS. Em primeiro lugar, os países desenvolvidos esperam que os países em desenvolvimento partilhem livremente amostras de agentes patogénicos e informações sobre sequências, adiando a partilha de benefícios para futuras negociações entre a OMS e os fabricantes farmacêuticos. **Em segundo lugar,** procuram evitar obrigações legais contratualmente exigíveis para os destinatários de materiais e informações sobre sequências do PABS, incluindo laboratórios, bases de dados e investigadores académicos, no que diz respeito à utilização dos recursos do PABS, o que aumenta a incerteza jurídica de esperar que a OMS conclua contratos com os fabricantes. **Em terceiro lugar,** o Secretariado da OMS e a Mesa do IGWG propõem a adoção de um anexo «esqueleto» do PABS, com elementos críticos, tais como os contratos PABS, a serem negociados posteriormente pela Conferência das Partes do Acordo sobre Pandemias após a sua entrada em vigor.»

«... Tal como referido pela Noruega durante a abertura do IGWG6, **a expectativa do Norte Global é que os países em desenvolvimento partilhem agora os agentes patogénicos e confiem num mandato da OMS para negociar posteriormente acordos de partilha de benefícios com as empresas farmacêuticas que tenham acedido e utilizado os recursos do PABS, ou seja, tornar os fabricantes participantes que acedem aos recursos do PABS sem quaisquer obrigações associadas.**

Esta abordagem **contradiz diretamente o princípio da segurança jurídica** consagrado no artigo 12.º do Acordo sobre Pandemias. É **desta conceção de acesso e partilha de benefícios dissociados** que emergem as restantes questões controversas do sistema PABS, em particular no que diz respeito à responsabilização e transparência do sistema, e às funções e obrigações das bases de dados e laboratórios.....”

GAVI – Avaliação da Facilidade COVAX, do Compromisso de Mercado Antecipado (AMC) da COVAX e dos esforços de entrega do pilar COVAX

<https://www.gavi.org/about-us/our-impact/evaluation-studies/covax-facility-covax-amc-covax-pillar-delivery-efforts>

Contexto: «A Gavi, a Aliança para as Vacinas, nomeou [a RTI International](#), em consórcio com [a Itad](#) e [a Genesis Analytics](#), para realizar uma avaliação do Mecanismo COVAX, do Compromisso de Mercado Antecipado (AMC) da Gavi COVAX e dos esforços de entrega do pilar COVAX. A avaliação foi realizada durante o período de 2024–2025.»

«A avaliação baseia-se nos primeiros dois anos do Mecanismo COVAX e do Gavi COVAX AMC (2020–2021), que foram avaliados através [da Revisão Formativa e do Estudo de Referência do Mecanismo COVAX e do AMC \(2023\)](#). É importante referir que esta é a **primeira avaliação conjunta formal realizada pela Coligação para Inovações em Preparação para Epidemias (CEPI), a Gavi, a Aliança para as Vacinas (Gavi), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e a Organização Mundial de Saúde (OMS); e inclui perspetivas dos países**, que são cruciais para compreender em que medida o COVAX respondeu às necessidades dos países, a fim de fundamentar recomendações para melhorar a eficácia de respostas futuras.”

«**A avaliação revelou várias lições fundamentais**, por exemplo: alcançar a equidade requer ação tanto entre países como dentro deles. Além disso, dispor da combinação certa de agências — incluindo governos nacionais e subnacionais e organizações da sociedade civil (OSC) —, juntamente com funções, aptidões e competências adequadas, é fundamental para uma abordagem de ponta a ponta. Isto inclui uma coordenação eficaz para o desenvolvimento de produtos vacinais, para garantir o abastecimento e para prestar apoio à distribuição...»

Com também **4 recomendações prioritárias**.

Tech Policy Press - O mundo tem regimes de controlo de armas, mas as empresas de IA não lhes estão a dar resposta

<https://www.techpolicy.press/the-world-has-arms-control-regimes-but-ai-companies-are-not-answering-to-them/>

“As empresas pioneiras de IA estão a contratar especialistas em armas químicas e biológicas para impedir o uso destrutivo indevido das suas plataformas, mas estes sistemas de mitigação não têm supervisão externa — deixando a governação de riscos críticos sujeita aos caprichos das empresas e às forças do mercado, escreve Javaid Iqbal Sofi.”

NPR – Quão prejudicial é o comércio de animais selvagens para os seres humanos? Um novo estudo tem as respostas

<https://www.npr.org/2026/04/09/nx-s1-5776668/wildlife-trade-pathogens-spillover>

«... “Há muito que existe um consenso de que o comércio de animais selvagens constitui um risco para a saúde humana”, afirma **Colin Carlson, ecologista** especializado **em doenças da Universidade de Yale**. “Mas muito do que sabemos provém de relatos isolados.” Essa visão fragmentada torna difícil compreender o quão arriscado é o comércio de animais selvagens em comparação com outras causas do aumento das doenças infecciosas, afirma Carlson, como as alterações climáticas ou a desflorestação. Embora faça sentido que as espécies comercializadas infectem os seres humanos com mais frequência do que as espécies não comercializadas, os cientistas não conseguiam responder definitivamente à questão sem mais dados. Agora, Carlson e os seus colegas oferecem uma resposta. **Os mamíferos comercializados têm cerca de 1,5 vezes mais probabilidades de serem fontes de doenças humanas do que os animais não comercializados, relatam os investigadores na revista Science. Fundamentalmente, quanto mais tempo os humanos interagem com uma espécie, mais vírus temos em comum — especialmente quando se trata de animais ilegais e mercados de animais vivos....”**

- Para o estudo da Science, consulte: [O comércio de animais selvagens impulsiona a transmissão de agentes patogénicos de animais para humanos ao longo de 40 anos](#) “Os autores estimam que as espécies de animais selvagens comercializadas partilham **um agente patogénico adicional com os humanos por cada década no mercado global de animais selvagens.**”

Nature (Notícias) – Vírus alegadamente roubados de laboratório de alta segurança causam agitação no Brasil

<https://www.nature.com/articles/d41586-026-01211-6>

“As amostras desaparecidas — que, segundo relatos, incluem vírus da chikungunya e da dengue — foram recuperadas, mas **permanecem dúvidas quanto ao motivo.**”

Nature Health (Comentário) – PREZODE: uma colaboração global co-concebida para prevenir o surgimento de zoonoses

<https://www.nature.com/articles/s44360-026-00103-3>

“O PREZODE é uma iniciativa global One Health, envolvendo cientistas, comunidades, governos e profissionais, **para prevenir epidemias e pandemias zoonóticas.**”

“... A iniciativa global One Health PREZODE (prevenção do surgimento de doenças zoonóticas) desenvolveu uma agenda estratégica através de um processo de co-construção em grande escala envolvendo cientistas, comunidades, governos e profissionais. **Esta agenda fornece um roteiro para a operacionalização da prevenção a montante....”**

“... Este Comentário resume **as principais lacunas de conhecimento e prioridades operacionais para a prevenção eficaz de doenças infecciosas zoonóticas emergentes no âmbito de um quadro One Health.**”

Estratégia global de saúde dos EUA e acordos bilaterais de saúde

Via [HPW](#): “... até ao final do ano fiscal dos EUA, a 30 de setembro, os EUA pretendem acordos de implementação com todos os países com pactos bilaterais ...” (cf. citação de um funcionário do Departamento de Estado)

Devex (Opinião) – Sem estratégia, o apoio dos EUA aos profissionais de saúde globais não irá longe

J Meline; <https://www.devex.com/news/without-strategy-us-support-for-global-health-workers-won-t-go-far-112245>

“Os EUA têm sido a espinha dorsal da força de trabalho global na área da saúde há décadas. Mas sem uma estratégia clara — e com cortes de financiamento iminentes — esse apoio corre o risco de desmoronar. O que está em jogo vai muito além da ajuda.”

“A «Estratégia [de Saúde Global America First](#)» enquadra corretamente os profissionais de saúde da linha da frente não só como essenciais para conter as ameaças de doenças infecciosas, mas também para reforçar a resiliência dos países parceiros de formas que promovam a segurança e os interesses económicos dos EUA. **No entanto, os EUA estão a propor cortes abruptos de financiamento de 90% ou mais para a força de trabalho na área da saúde num prazo tão curto quanto três anos.** Com uma previsão de falta de [11 milhões de profissionais de saúde](#) até 2030, esta lacuna política é um perigo para todos nós. **Embora tenha sido apresentada no mês passado uma lei bipartidária sobre saúde que ajudaria a resolver esta questão, isso é apenas o primeiro passo para garantir que os EUA continuem a desempenhar o seu papel de liderança no reforço da saúde a nível nacional e global...»**

Quanto a este último: «... [A H.R. 8011](#), a recém-apresentada [lei bipartidária SECURE Health Act](#), **propõe uma estratégia governamental global para os profissionais de saúde**, juntamente com uma melhor coordenação interagências e mecanismos de comunicação de informações para ajudar a enfrentar muitos destes desafios...»

Devex - Lewin nega paralisação da cadeia de abastecimento de saúde global

<https://www.devex.com/news/lewin-denies-shutdown-of-global-health-supply-chain-112293>

«O alto funcionário do Departamento de Estado responsável pela ajuda externa dos EUA afirmou que as notícias recentes de que o projeto “Global Health Supply Chain — Procurement Supply Management” (GHSC-PSM) será encerrado no final de maio “não são verdadeiras”.»

“... O projeto Global Health Supply Chain — Procurement Supply Management, ou GHSC-PSM, é um resquício da [Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional](#). Coordena um esforço multimilionário para adquirir e distribuir produtos de saúde globais essenciais para doenças como o VIH, a tuberculose e a malária em países de todo o mundo. **Tem sido liderado pela empresa contratada norte-americana [Chemonics International](#) desde 2016** e é um dos projetos mais acompanhados de perto na história da ajuda externa dos EUA.»

“... Na terça-feira, Lewin insistiu que o Departamento de Estado está a analisar opções para reestruturar o seu apoio à cadeia de abastecimento de saúde global «de forma ponderada nos próximos meses», mas afirmou que «não era verdade» que o governo dos EUA iria deixar de fazer encomendas através do projeto atual até 30 de maio.

“Isto é algo que vai demorar alguns meses [ou] um ano a concretizar-se, e vamos fazê-lo doença a doença, país a país”, afirmou. Não explicou por que razão os e-mails internos do Departamento de Estado sugeriam um calendário mais urgente. ... **Embora o calendário de transição permaneça incerto, o objetivo final de reestruturar o modelo da cadeia de abastecimento global de produtos de saúde não o é.** «Vamos trabalhar mais com um tipo diferente de arquitetura da cadeia de abastecimento», disse Lewin. Parte desse plano parece **implicar uma nova divisão de responsabilidades.** «Neste momento, pagamos a um contratante para fazer tudo, desde a compra das encomendas até à sua distribuição pelo país. Existem muitas etapas nessa cadeia em que o país, para se tornar autossuficiente, precisa de mais autonomia», afirmou.... **Ele afirmou que a plataforma de aquisição conjunta — conhecida como wambo.org — desenvolvida pelo [Fundo Global de Combate à SIDA, Tuberculose e Malária](#) poderia desempenhar um papel mais importante na aquisição de produtos básicos a nível nacional. Mas no que diz respeito à distribuição dentro do país, Lewin afirmou que os ministérios nacionais deveriam ser responsáveis «na medida do possível»...»**

CGD (blog) - Quem está a receber novos contratos e adjudicações de ajuda externa dos EUA?

C Kenny; <https://www.cgdev.org/blog/who-getting-new-us-foreign-assistance-contracts-and-awards>

“... analisando os primeiros 14 meses de ajuda externa sob a administração para ver o que aconteceu com novos contratos e adjudicações em particular, como uma indicação inicial de como planeia gastar um pouco menos em ajuda externa com uma fração da capacidade de pessoal. Esse panorama inicial sugere **um elemento surpreendente: uma dependência maior de organizações internacionais para prestar ajuda....**”

“... As maiores adjudicações de ajuda destinam-se a organizações internacionais, principalmente para ajuda humanitária... As **10 maiores adjudicações**, em valor, totalizam 2,84 mil milhões de dólares — cerca de 85% de todas as adjudicações de ajuda (Tabela 2). **Todas se destinam a organizações internacionais, incluindo as duas maiores, que abrangem o novo acordo de financiamento flexível para apoio humanitário com o Gabinete das Nações Unidas para a Coordenação dos Assuntos Humanitários (UNOCHA).** ... Cerca de 85% desse total foram para o Gabinete das Nações Unidas para a Coordenação dos Assuntos Humanitários, o Fundo Global e a Organização Internacional para as Migrações...»

“...Vale a pena notar que **três adjudicações feitas entre 20 e 25 de fevereiro de 2026 ao UNOCHA e ao Fundo Global representam mais de 2 mil milhões de dólares, refletindo uma rápida aceleração após um ano em que quase não foram comunicadas novas adjudicações de dimensão significativa.** Isso sugere **que estamos nos primórdios de qualquer novo modelo** e justifica cautela ao tirar conclusões definitivas. ...”

Kenny conclui: **«Combinado com uma nova abordagem à saúde global que enfatiza acordos com países e um declínio contínuo na capacidade de contratação, este padrão pode sinalizar uma mudança no sentido de acordos menos numerosos, mas de maior dimensão, com organizações**

internacionais e países parceiros, afastando-se de acordos e contratos de menor dimensão com empresas e organizações sem fins lucrativos dos EUA. Isso é, em si, algo positivo — mas serão necessários acordos muito mais cuidadosamente concebidos ao abrigo deste novo modelo para sustentar até mesmo as atividades que salvam vidas apoiadas pela ajuda externa dos EUA, quanto mais começar a reconstruir o resto do programa.»

HPW - Apelo à supervisão do Congresso dos EUA sobre acordos bilaterais de saúde

<https://healthpolicy-watch.news/call-for-us-congressional-oversight-on-bilateral-health-agreements/>

“O Congresso dos EUA precisa de exercer supervisão sobre os acordos bilaterais de saúde global que os Estados Unidos celebraram com 30 países de rendimento baixo e médio, no âmbito do orçamento do Congresso para 2025, uma vez que representam uma redução de cerca de um terço nas despesas atribuídas. Mark Lagon, da organização **Friends of the Global Fight against AIDS, TB and Malaria**, afirmou isto numa reunião sobre o financiamento da equidade e segurança na saúde, organizada pela AIDS Healthcare Foundation em Washington DC na terça-feira.”

PS: «... **Sven Clement, presidente do Conselho da Rede Parlamentar sobre o Banco Mundial e o FMI**, afirmou que as **Nações Unidas tinham comunicado**, há duas semanas, que apenas quatro países estão no bom caminho para destinar 0,7% do seu Rendimento Nacional Bruto (RNB) a despesas com a Ajuda Pública ao Desenvolvimento (APD) nos seus orçamentos... .. **Clement afirmou que os países da NATO estão agora no bom caminho para gastar 5% do PIB em defesa, mas «os gastos com a saúde são algo que deveria ser incluído nos gastos de resiliência, os 1,5% que estamos atualmente a considerar na NATO».** «Se não se tem uma população saudável, não se pode ser resiliente contra choques e es externos. **Portanto, em primeiro lugar, não precisamos necessariamente de redefinir prioridades. Apenas precisamos de ser muito inteligentes na forma como contabilizamos os diferentes tipos de despesas»**, acrescentou.

Amigos da Luta Global contra o VIH/TB e a malária - Sustentar o progresso contra a SIDA, a tuberculose e a malária à medida que os países transitam para uma crescente autossuficiência

https://www.theglobalfight.org/wp-content/uploads/2026/04/260414-Transition-Report_v5-Digital.pdf

(14 de abril) “Este resumo examina os desafios e oportunidades na rápida transição do financiamento por doadores para o financiamento nacional na luta contra a SIDA, a tuberculose e a malária. Analisa os planos para a transição da ajuda, várias questões de política e implementação a serem consideradas pelo Congresso e recomendações para a supervisão do Congresso. (Ver recomendações na página 17.)”

Trump 2.0

NYT - Trump vai nomear médico que apoiou publicamente as vacinas como diretor do CDC

<https://www.nytimes.com/2026/04/16/health/erica-schwartz-cdc-director-trump.html>

“A Dra. Erica Schwartz é vista como uma escolha tradicional altamente qualificada e a sua nomeação é o sinal mais forte até agora de que a administração está a afastar-se do ceticismo em relação às vacinas neste ano eleitoral.”

HPW - Orçamento de Trump para 2027 aprofunda cortes na saúde global e nacional

<https://healthpolicy-watch.news/ttrump-2027-budget-extends-us-global-and-domestic-health-cuts/>

Com mais algumas informações e análises sobre os planos orçamentais de Trump para 2027 (ver também as notícias da IHP da semana passada).

“... O presidente dos EUA, Donald Trump, pretende eliminar 4,3 mil milhões de dólares do orçamento do governo dos EUA para a saúde global, incluindo todo o financiamento destinado à Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), a organização regional da Organização Mundial da Saúde (OMS) para as Américas.....”

“... Sem dinheiro para a ‘corrupta’ OPAS: Quando Trump anunciou que os EUA sairiam da OMS no seu primeiro dia no cargo, em janeiro de 2025, não fez qualquer menção à OPAS, e os responsáveis norte-americanos continuaram a interagir com os outros 34 Estados-Membros do organismo regional. No entanto, os EUA não pagam as suas quotas de adesão (denominadas contribuições atribuídas) à OPAS desde 2024 e devem ao organismo mais de 134 milhões de dólares. Na sua mais recente proposta orçamental, Trump descreve a OMS e a OPAS como “organizações corruptas [que] não demonstraram independência face a influências políticas inadequadas, como quando a OMS colaborou no encobrimento da COVID-19.”....”

PS: «Incluídos no orçamento do Departamento de Estado estão 5,1 mil milhões de dólares para “executar” a sua Estratégia de Saúde Global “America First” (AFGHS), os Memorandos de Entendimento (MOUs) bilaterais com países individuais. Até 10 de abril, o Departamento de Estado tinha assinado 30 acordos bilaterais de saúde global. O mais recente, , é com as Filipinas, assinado a 9 de abril (sem detalhes disponíveis, incluindo o montante envolvido). ...»

- Ver também um [CGD \(blog\) - Cortes profundos, novas direções? O Orçamento de Trump para o ano fiscal de 2027 e o futuro da ajuda externa dos EUA](#) (J Estes et al)

Mais análises.

Incluindo: “Embora o pedido da Casa Branca evite linhas de financiamento para áreas de doenças específicas e desafios de saúde, ele destaca planos para investimentos da Estratégia de Saúde Global ‘America First’ em HIV/SIDA, saúde materno-infantil, tuberculose, malária e segurança sanitária global. O Fundo Global recebe uma promessa de apoio sem um valor de compromisso

especificado, **mas outras importantes organizações multilaterais de saúde — o Fundo Pandémico gerido pelo Banco Mundial, a Coligação para Inovações em Preparação para Epidemias e a Gavi — parecem ter sido deixadas de fora.** A Justificação Orçamental do Departamento de Estado para o Congresso estipula que quaisquer recursos para a Gavi estariam “sujeitos à condição de a organização realizar as reformas necessárias e cumprir determinados critérios de segurança das vacinas.”....”

Denunciante afirma que funcionários de Trump pensavam que a USAID se dedicava «apenas a abortos» e pediram apresentações «ao estilo Barney» antes de dismantelar a agência, segundo novo livro

<https://www.thehandbasket.co/p/trump-usaid-abortions-barney-nicholas-enrich-into-the-wood-chipper-book-exclusive>

“Leia um excerto exclusivo do livro de Nicholas Enrich, “Into the Wood Chipper”.”

- Veja também [Devex – Ex-chefe de saúde da USAID documenta o fim turbulento da agência em novo livro](#)

“Nicholas Enrich — antigo alto funcionário de saúde global da USAID que se tornou denunciante — detalha o caos interno que se seguiu durante a rápida destruição da agência nos meses após a tomada de posse do presidente dos EUA, Donald Trump.”

Devex – Exclusivo: EUA à ONU, a ajuda global não conseguiu melhorar a vida dos pobres

<https://www.devex.com/news/scoop-us-to-un-global-aid-has-failed-to-improve-lives-of-poor-112291>

«A administração Trump convida o governo a aderir ao grupo pró-mercado livre “Trade Over Aid” (Comércio em vez de Ajuda).»

“A administração Trump está prestes a revelar, ainda este mês, uma nova iniciativa comercial global destinada a reduzir a obrigação dos países de rendimento elevado de gastar dezenas de milhares de milhões de dólares por ano em ajuda externa, de acordo com uma cópia de uma nota diplomática interna dos EUA, obtida pela Devex. A Missão dos EUA junto das Nações Unidas divulgou a sua chamada iniciativa «Trade Over Aid» aos Estados-Membros da ONU, convidando-os a assinar uma declaração de princípios e a aderir a um grupo de trabalho «Trade Over Aid». A iniciativa apresenta um ataque mordaz contra o valor da caridade global, a par de um elogio efusivo às virtudes do mercado livre...”

PS: «... **alguns observadores e delegados manifestaram preocupação pelo facto de a formulação norte-americana da nova iniciativa apresentar o comércio e a ajuda como uma proposição de “ou isto ou aquilo”, em vez de partes complementares de uma estratégia mais ampla para alcançar uma série de objetivos de desenvolvimento da ONU.** Continua a não ser claro quantos governos aderirão à iniciativa, com um diplomata a prever que era **improvável que esta conseguisse o apoio de doadores ocidentais fundamentais, particularmente na Europa Ocidental...**»

A iniciativa tem **cinco princípios.**

UHC e PHC

Presidente socialista do México vai implementar cuidados de saúde universais para 120 milhões de pessoas.

<https://novaramedia.com/2026/04/10/mexicos-socialist-president-to-roll-out-universal-healthcare/>

“Os 120 milhões de cidadãos do México começarão a usufruir de acesso gratuito e universal aos cuidados de saúde a partir do próximo ano, na sequência de um decreto da presidente socialista Claudia Sheinbaum. Esta política histórica unificará um sistema fragmentado e desigual que tem impedido muitos de receberem cuidados em determinados hospitais e clínicas, obrigando-os, em vez disso, a recorrer apenas ao que a sua seguradora cobre.”

“...A primeira fase do novo sistema universal terá início a 13 de abril, com os cidadãos com 85 anos ou mais a poderem registar-se para obter o cartão de identificação necessário para aceder aos cuidados de saúde. A partir de janeiro de 2027, as instituições de saúde começarão a trabalhar em conjunto para colmatar as lacunas no acesso aos cuidados de saúde...”

Serviço de Saúde do Gana – O Presidente Mahama lança iniciativa de cuidados de saúde primários gratuitos

<https://ghs.gov.gh/news-and-events/president-mahama-launches-free-primary-health-care-initiative->

(15 de abril). **“O Presidente da República (do Gana), S. Ex.ª John Dramani Mahama, lançou oficialmente a tão esperada iniciativa de Cuidados de Saúde Primários Gratuitos (FPHC) em Dodowa, no distrito de Shai Osudoku, na Região da Grande Accra, marcando um marco significativo na jornada do Gana rumo à Cobertura Universal de Saúde (UHC)....** ... No âmbito da iniciativa, o Presidente anunciou que **todos os ganenses terão direito a um exame de saúde básico anual, esclarecendo que a iniciativa de Cuidados de Saúde Primários Gratuitos se destina a complementar, e não a substituir, o Regime Nacional de Seguro de Saúde.”**

“Ele destacou ainda componentes adicionais do programa, incluindo a intensificação da educação pública sobre estilos de vida saudáveis, a mobilização de voluntários formados para apoiar a prestação de serviços em postos de saúde e a introdução de visitas domiciliárias para melhorar os cuidados ao nível da comunidade. O Presidente anunciou que a iniciativa terá início em 150 distritos, particularmente em áreas carenciadas, com a implementação a nível nacional prevista para estar concluída até 2028...”

The Conversation - Salvar mais vidas ou mais anos de vida? Um estudo global revela o que as pessoas realmente pensam

L Roope; <https://theconversation.com/would-you-save-more-lives-or-more-years-of-life-a-global-study-reveals-how-people-really-think-280338>

“Imagine uma escolha difícil. Pode salvar uma pessoa que provavelmente viverá mais 30 anos. Ou pode salvar várias pessoas que, cada uma, poderá viver mais dez anos. Devemos dar prioridade a salvar mais vidas – ou mais anos de vida? Este tipo de compromisso está no cerne da forma como

os sistemas de saúde tomam decisões. No entanto, será que as pessoas concordam realmente com esse princípio? **Um novo estudo internacional – baseado no que as pessoas nos disseram durante a pandemia de COVID – sugere que a resposta é mais complicada do que este simples compromisso sugere.**

O autor conclui: «... **O nosso estudo mostra que as pessoas não encaram estas decisões em termos matemáticos simples. Quando confrontadas com dilemas reais, ponderam vidas, anos e contexto social em conjunto.** Em última análise, isso pode ser um reflexo mais realista da complexidade ética no cerne dos cuidados de saúde...»

DNT

Guardian – Quase 2 mil milhões de pessoas serão afetadas por doenças metabólicas do fígado até 2050, sugere estudo

<https://www.theguardian.com/society/2026/apr/13/almost-2bn-to-be-affected-by-metabolic-liver-disease-by-2050-study-suggests>

«A MASLD afeta atualmente uma em cada seis pessoas e prevê-se que esta incidência aumente devido ao crescimento populacional, à obesidade e à hiperglicemia.»

“**A doença hepática esteatótica associada à disfunção metabólica (MASLD), anteriormente conhecida como doença hepática gordurosa não alcoólica (NAFLD), é uma das doenças hepáticas mais prevalentes e de crescimento mais rápido a nível global, de acordo com a investigação.** Existem atualmente 1,3 mil milhões de pessoas em todo o mundo a viver com MASLD, sugerem as estimativas mais recentes, um aumento de 143% em apenas três décadas. Cerca de uma em cada seis pessoas – 16% – é afetada... Os resultados, provenientes do estudo sobre o fardo global de doenças, lesões e fatores de risco (GBD), **foram publicados na revista Lancet Gastroenterology & Hepatology.**»

“**Prevê-se que a prevalência da doença aumente ainda mais, impulsionada principalmente pelo crescimento da população mundial, em combinação com mudanças no estilo de vida, tais como o aumento da obesidade e níveis elevados de açúcar no sangue....**”

PS: “**Algumas regiões, incluindo o Norte de África e o Médio Oriente, apresentaram taxas desproporcionalmente mais elevadas de MASLD em comparação com outras regiões.** No entanto, tem-se verificado um aumento acentuado no número de pessoas afetadas em países de todo o mundo.”

“... **O estudo também constatou** que, **embora mais pessoas estivessem a desenvolver a doença, o impacto global na saúde – medido em anos perdidos devido a doença ou morte – se manteve estável.** Isso sugeriu que os avanços no tratamento e nos cuidados estavam a ajudar as pessoas a viver mais tempo e de forma mais saudável, e que o aumento no número de casos estava a ocorrer principalmente nas fases iniciais da doença. **No entanto, o número crescente de casos continua a significar que muitas pessoas correm o risco de desenvolver complicações graves, como cirrose hepática ou cancro, no futuro.**”

«A MASLD está frequentemente associada ao excesso de peso e pode, geralmente, ser tratada com mudanças no estilo de vida...»

Saúde Mental

Devex - Investir na saúde mental é fundamental para a resiliência económica, afirmam especialistas

<https://www.devex.com/news/investing-in-mental-health-is-key-for-economic-resilience-experts-say-112305>

“Os países devem investir na saúde mental dos cidadãos da mesma forma que investem em infraestruturas económicas, afirmaram especialistas num painel durante as Reuniões da Primavera do Banco Mundial e do FMI.”

“Os países que enfrentam choques económicos só podem avançar para uma verdadeira recuperação se o mundo “tratar a saúde mental não como uma despesa humanitária, mas como infraestrutura de recuperação”. Esta é uma lição aprendida por **Olga Yudina, fundadora da UA Mental Help Foundation**, que apoia ucranianos expostos ao conflito. E o que se aplica na Ucrânia também se aplica noutros lugares, à medida que o mundo lida com os choques da guerra dos EUA e de Israel contra o Irão, afirmaram especialistas.”

“A saúde mental “precisa de ser integrada na arquitetura do sistema desde o início — planeada, financiada e mantida como estradas ou hospitais... os países que fizerem isto corretamente verão uma recuperação mais rápida, maior participação da força de trabalho e comunidades mais estáveis”, disse Yudina à Devex após **um painel sobre saúde mental** na terça-feira, durante as Reuniões da Primavera [do Banco Mundial](#) e [do Fundo Monetário Internacional](#) em Washington, D.C.”

Também sobre **o Ruanda**.

Políticas e Sistemas de Investigação em Saúde – Economia política da saúde mental e do bem-estar dos adolescentes a nível global

O Biermann et al; <https://link.springer.com/article/10.1186/s12961-026-01477-2>

“... **Identificamos quatro temas que moldam a priorização global da AMH**. Em primeiro lugar, o estigma e a discriminação interpessoais e institucionais predominantes dirigidos contra adolescentes com problemas de saúde mental dificultam a atenção dada à AMH. Em segundo lugar, os dados limitados sobre o peso dos problemas de saúde mental e as evidências do que funciona levaram à percepção, entre os decisores, de que a AMH é um problema intratável. Em terceiro lugar, as diversas formas de enquadrar a AMH são frequentemente vistas como um sinal de fraco alinhamento, em vez de como oportunidades para a formação de coligações. Em quarto lugar, uma grande variedade e um número crescente de partes interessadas estão envolvidas na AMH, enquanto o panorama das partes interessadas permanece fragmentado, inibindo a formação de coligações para a AMH.»

Conclusões: «**Para superar as barreiras que atualmente impedem a priorização da AMH, recomendamos** que (1) as partes interessadas conduzam um processo consultivo liderado por adolescentes para desenvolver um “quadro abrangente”, apoiado por métricas comuns, (2) os defensores utilizem as plataformas globais existentes para moldar a prioridade política para a AMH, (3) os decisores, financiadores e parceiros de investigação invistam no envolvimento significativo de adolescentes (com experiência vivida), investigadores e parceiros de implementação; (4) identifiquem uma estrutura de liderança, governação e responsabilização para uma coligação global que possa transformar a AMH; e (5) realizem análises específicas ao contexto para informar a formação de coligações a nível nacional...”

Determinantes comerciais da saúde

Lancet Planetary Health – A necessidade imperativa de combater a desinformação da indústria dos combustíveis fósseis para a saúde pública

S Narayan et al; [https://www.thelancet.com/journals/lanplh/article/PIIS2542-5196\(26\)00008-2/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanplh/article/PIIS2542-5196(26)00008-2/fulltext)

«... **Os interesses ligados aos combustíveis fósseis parecem ter vindo a semear ativamente a dúvida sobre o papel que as suas indústrias desempenham na intensificação dos fenómenos meteorológicos extremos, promovendo narrativas enganosas e minimizando a ligação entre as emissões de combustíveis fósseis e as alterações climáticas.**» «As campanhas de desinformação são fatais e representam um grave perigo tanto para a saúde pública como para o clima global. **As táticas utilizadas espelham as empregadas pela indústria do tabaco, que, durante décadas, semeou a dúvida sobre os efeitos nocivos do tabagismo.**» «... As campanhas de desinformação em torno dos incêndios em Los Angeles são os exemplos mais recentes de como os interesses dos combustíveis fósseis manipulam o discurso para evitar a responsabilização, tornando imperativo combater este engano, tanto por uma questão de justiça climática como de proteção da saúde pública...»

Os autores concluem: «... **as lições do passado apontam um caminho claro a seguir: transparência, responsabilização e um compromisso inabalável com a saúde pública são fundamentais para superar a desinformação e garantir um futuro mais saudável e justo.**»

SRHR

Editorial da Lancet – Aborto: as possibilidades de progresso

[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(26\)00753-1/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(26)00753-1/fulltext)

Editorial da Lancet desta semana. **“A autonomia corporal e a saúde das mulheres, particularmente no que diz respeito ao aborto, estão sob ataque. A politização dos corpos e das escolhas das mulheres faz parte de uma tentativa mais ampla de reverter os direitos humanos e as liberdades das mulheres e dos grupos marginalizados.** Partidos políticos com [ideologias regressivas](#), em ascensão em todo o mundo, estão [a encontrar uma causa comum](#) com grupos religiosos anti-

género. Os movimentos transnacionais anti-género tornaram-se profissionalizados e influenciam as agendas nacionais e internacionais. [A ajuda externa](#) tornou-se uma moeda de troca para os direitos ao aborto e de género, com consequências nefastas para a saúde sexual e reprodutiva. O acesso à informação sobre saúde reprodutiva está a ser restringido por [empresas tecnológicas](#), enquanto a desinformação é deixada a proliferar. **Estas tendências podem suscitar desespero, mas não devem ofuscar os incríveis ganhos a longo prazo em direitos ao aborto e melhorias de saúde associadas dos últimos 60 anos, nem a possibilidade de garantir ainda mais o aborto legal, gratuito e seguro para todas...»**

O editorial conclui: «...Estes ganhos devem servir de motivos de esperança, mesmo no meio de correntes políticas e ideológicas profundamente preocupantes. Foram feitas décadas de avanços na melhoria tanto do acesso ao aborto como da saúde das mulheres — através de movimentos de justiça social, de investigação científica e de defesa de direitos, e através da promoção e defesa do direito à saúde para todos. **Estes avanços nem sempre foram lineares. Mas, apesar dos retrocessos, existe a possibilidade de progresso novamente.**»

Carta da Lancet - A lacuna de permissão e a velocidade moral

A Murabit; [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(26\)00593-3/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(26)00593-3/fulltext)

“Quando comecei a exercer medicina na Líbia, aprendi algo que não ensinamos na faculdade de medicina: **o acesso à saúde e as intervenções não significam nada se a comunidade não tiver autorizado uma mulher a utilizá-los.** Foi isso que me levou a **criar a Voz das Mulheres Líbias e a construir um movimento alinhado com a fé.**”

“2,1 mil milhões de pessoas vivem em contextos frágeis e, **em 2023, 37 países em conflito ou em situação de fragilidade representaram 61% de todas as mortes maternas, apesar de representarem apenas 25% dos nascimentos a nível global.** Ao longo de 16 anos, no nordeste da Nigéria, no norte do Paquistão e no sul da Somália, assisti ao colapso das infraestruturas de saúde devido ao conflito e, com ele, dos sistemas comunitários que mantinham as famílias unidas. Depois, em locais onde a infraestrutura de saúde sobreviveu, vi mulheres a afastarem-se porque ninguém com autoridade nas suas vidas lhes tinha dito que estavam autorizadas a fazê-lo. A taxa de mortalidade materna em países afetados por conflitos é cinco vezes superior à dos países estáveis. **Essa lacuna, entre a existência de um serviço e a sensação da comunidade de que está autorizada a utilizá-lo, é a lacuna de permissão.** O conceito aplica-se sempre que os sistemas públicos se cruzam com a autoridade privada: na educação, na justiça, na inclusão económica. Mas a saúde materna oferece a ilustração mais letal porque se situa na intersecção entre a prestação de serviços públicos e a regulação da vida privada, onde a lacuna é mais ampla e onde mata mais rapidamente.»

“... **A rapidez com que essa lacuna se fecha depende da velocidade moral, ou seja, da rapidez com que a permissão social para um serviço se propaga por uma comunidade.** Quando a velocidade moral é elevada, as pessoas utilizam o que está disponível. Quando é baixa, uma clínica fica meio vazia durante anos e os pais rejeitam as vacinas de rotina. Em contextos frágeis, os líderes tradicionais e religiosos são os que mais eficazmente impulsionam a velocidade moral; moldam crenças e normas, legitimam intervenções e chegam a pessoas a quem os sistemas formais não conseguem chegar.”

“O financiamento global da saúde não acompanhou essa evolução. Os orçamentos — filantrópicos e soberanos — despejam dinheiro em infraestruturas e bens de consumo, partindo do

pressuposto de que, se construirmos, eles virão. Mas não virão. Muitos Estados frágeis têm populações com raízes religiosas, e os quadros morais que regem o comportamento de procura de cuidados de saúde nessas comunidades são inseparáveis da crença — o que é importante quando se concebem e implementam soluções. **Concebi e criei a primeira colaboração filantrópica muçulmana para a saúde materno-infantil, a For Mama (agora Every Pregnancy);** angariou 125 milhões de dólares em três Ramadãs porque a arquitetura moral pertence à comunidade, não a um quadro de doadores que lhe foi imposto. O modelo da For Mama demonstra que, quando as soluções e o capital têm origem na própria comunidade que servem, chegam às mulheres mais rapidamente e sobrevivem aos ciclos de financiamento que fragmentam a ajuda externa. **Colmatar a lacuna de permissão requer tratar os líderes religiosos como parceiros técnicos e medir a distância entre a disponibilidade de serviços e a autorização social ao nível dos agregados familiares. Todos os índices de fragilidade atualmente em uso medem o que os governos constroem. Nenhum mede o que as comunidades autorizam,** ou o que as mulheres que mantêm essas comunidades unidas têm recursos para proporcionar, e os dados de mortalidade materna sugerem que já estamos a contar com as consequências.”

HPW - As ferramentas digitais podem transformar a saúde materno-infantil – mas as barreiras de acesso têm de ser abordadas

L Kpoto (Ministério da Saúde da Libéria) & R Khosla; <https://healthpolicy-watch.news/digital-tools-can-transform-maternal-and-child-health/>

«Enquanto os governos se reúnem esta semana para a [59.ª Sessão da Comissão sobre População e Desenvolvimento](#), surge uma oportunidade para voltar a centrar a atenção naquilo que determinará o progresso nos próximos anos. ... **A ênfase dada este ano à tecnologia** é oportuna e necessária, mas **deve estar enraizada num compromisso mais amplo com a equidade, o financiamento e o acesso a cuidados de saúde de qualidade, em particular para mulheres, crianças e adolescentes....**

“... Nos [países da Rede Global de Líderes para a Saúde das Mulheres, Crianças e Adolescentes](#), as ferramentas digitais já estão a melhorar o acesso à informação, a reforçar os sistemas de encaminhamento e a apoiar os profissionais de saúde na linha da frente. ...”

SSM Health systems – Transições na prestação de cuidados de parto: Compreender o rápido aumento dos partos em instituições em 21 países da África Subariana e as implicações para estratégias futuras

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2949856226000401>

Por A. K. Blanchard et al (Colaboração do Estudo Countdown to 2030 MNH).

Saúde Planetária

Frontiers in Science - Nature Positive: por que a proteção da natureza intacta vem em primeiro lugar — e como poderia ser o sucesso

H Locke, J Rockström et al; <https://www.frontiersin.org/journals/science/article-hubs/nature-positive-earth-system-stability/explainer>

«O sistema terrestre está a tornar-se menos estável, em parte porque a natureza está a deteriorar-se rapidamente. Os esforços atuais de conservação e sustentabilidade correm o risco de ficar aquém do esperado se ignorarem a degradação dos processos em grande escala que sustentam os ecossistemas. No seu artigo principal da revista **Frontiers in Science**, Locke et al. defendem que a perda da natureza deve ser travada agora e revertida até 2030 através de um objetivo global a que chamam **Nature Positive**. Isto requer a proteção dos ecossistemas intactos remanescentes e dos processos naturais, a par de ações urgentes para restaurar áreas degradadas.»

“Eles avaliam em que medida o **Quadro Global de Biodiversidade de Kunming-Montreal (GBF)** apoia esta meta e identificam lacunas fundamentais — especialmente em torno de processos naturais em grande escala, como a hidrologia e a migração. **Defendem também que o Nature Positive é uma questão económica e financeira**, porque os incentivos atuais podem favorecer atividades que degradam a natureza.”

- **Tweet relacionado de J. Rockström:** «Não há caminho para a estabilidade climática ou o desenvolvimento sustentável sem manter a natureza intacta. Até 2030, temos de travar a perda dos biomas intactos remanescentes, ao mesmo tempo que revertemos os riscos de extinção e intensificamos a restauração.»

Bangkok Post - Centros de refrigeração recebem aprovação

<https://www.bangkokpost.com/thailand/general/3235543/cooling-centres-get-the-thumbs-up>

“Instalações elogiadas pela acessibilidade e localização.”

“À medida que as temperaturas sobem em toda a cidade de Bangucoque, entrar num local fechado já não é uma questão de conforto, mas, para muitos, uma necessidade. Em resposta, a **Administração Metropolitana de Bangucoque (BMA)** criou centenas de “Centros de Arrefecimento BKK” gratuitos, convertendo locais públicos em refúgios com ar condicionado por toda a capital, como parte de um esforço mais amplo para mitigar o calor extremo.....”

Guardian – Corrente atlântica crítica tem muito mais probabilidades de colapsar do que se pensava

<https://www.theguardian.com/environment/2026/apr/15/critical-atlantic-current-significantly-more-likely-to-collapse-than-thought>

“Os cientistas afirmam que a descoberta é ‘muito preocupante’, uma vez que o colapso seria catastrófico para a Europa, África e as Américas.”

“O sistema da corrente atlântica crítica parece ter uma probabilidade significativamente maior de colapso do que se pensava anteriormente, depois de uma nova investigação ter concluído que os modelos climáticos que prevêem o maior abrandamento são os mais realistas...”

“Rahmstorf (Instituto de Potsdam), que estuda a AMOC há 35 anos, afirmou que um **colapso deve ser evitado “a todo o custo”**. “Defendi isto quando pensávamos que a probabilidade de uma paragem da AMOC era talvez de 5%, e mesmo nessa altura dizíamos que o risco era demasiado elevado, dados os impactos massivos. Agora parece que é superior a 50%.....”

A nova investigação foi [publicada na revista Science Advances](#).

Notícias sobre as Alterações Climáticas – O GEF angaria 3,9 mil milhões de dólares antes do prazo de financiamento, 1 mil milhões abaixo do orçamento anterior

<https://www.climatechangenews.com/2026/04/10/gef-raises-3bn-funding-deadline-1bn-below-previous-budget-nature-environment-finance/>

(acesso restrito) «Num contexto de cortes na ajuda, os governos doadores comprometem-se a atribuir menos financiamento para a natureza e o clima ao Fundo Global para o Ambiente (GEF), devendo o pacote quadrienal ser finalizado no final de maio»

- E um link, via Devex: [O financiamento climático dos bancos multilaterais de desenvolvimento num relance](#)

“**Novos dados da Publish What You Fund** mostram os dados relativos ao financiamento climático dos bancos multilaterais de desenvolvimento entre 2021 e 2024. Revelam que a maior parte do financiamento climático se destinou à mitigação em 2024 — 54,9 mil milhões de dólares — enquanto uma quantia muito menor se destinou à adaptação — 8,939 mil milhões de dólares....”

“Em termos de compromissos de financiamento climático, a França liderou o ranking, seguida de perto pela Espanha...”

Recursos humanos para a saúde

The Conversation – África está a perder profissionais de saúde quando menos pode dar-se ao luxo de o fazer – um padrão enraizado na história colonial

D Sims; [The Conversation](#);

“Este padrão é frequentemente descrito como “**fuga de cérebros**”, explicado por fatores de “**repulsão**” (baixos salários, más condições de trabalho) e fatores de “**atração**” (melhores salários e oportunidades no estrangeiro). Interesse-me por este tema na qualidade de trabalhador internacional: um investigador sul-africano na área da educação em saúde a trabalhar no Reino Unido, onde formo profissionais de saúde e investigo questões relacionadas com a força de trabalho.

Num artigo recente, defendo que esta explicação é incompleta. A abordagem «push-pull» ignora um ponto crucial: o fluxo de profissionais de saúde não é aleatório. Move-se consistentemente dos países mais pobres para os mais ricos – um padrão que acompanha de perto as linhas traçadas pela história colonial. O termo «fuga de cérebros» sugere um fluxo natural, quase inevitável, de talento. Mas a migração de profissionais de saúde não é neutra nem igualitária; é moldada pela história, pela economia e pelo poder.»

Defendo que o padrão não é apenas uma “fuga de cérebros” impulsionada por escolhas individuais. Pelo contrário, faz parte de um sistema global mais profundo e desigual, moldado pelos legados coloniais – com implicações importantes para as políticas de saúde, educação e mão de obra.

«Isto **desvia a conversa** de culpar médicos e enfermeiros individuais por partirem, e direciona-a para os sistemas que moldam essas escolhas em primeiro lugar...»

Atualização sobre a implementação do Lenacapavir

Fundo Global – Os EUA e o Fundo Global ampliam o compromisso com a prevenção de longa duração do VIH à medida que a implementação do Lenacapavir nos países se acelera

<https://www.theglobalfund.org/en/updates/2026/2026-04-14-us-global-fund-expand-commitment-long-acting-hiv-prevention-country-rollout-lenacapavir-accelerates/>

(14 de abril) Comunicado de imprensa. «Os Estados Unidos e o Fundo Global de Combate à SIDA, Tuberculose e Malária (o Fundo Global) anunciaram hoje um compromisso alargado para ampliar o acesso ao lenacapavir de ação prolongada (LEN) para a profilaxia pré-exposição ao VIH (PrEP), com o objetivo de alcançar mais 1 milhão de pessoas nos próximos três anos. Com base no compromisso original, isto eleva a ambição conjunta total para 3 milhões de pessoas alcançadas com o LEN até 2028.»

“...Este novo marco surge no momento em que os países começam a implementar o LEN, marcando um passo importante no sentido de expandir o acesso a uma nova geração de ferramentas de prevenção do VIH. **As entregas iniciais chegaram a nove países africanos: Essuatíni, Quénia, Lesoto, Moçambique, Nigéria, África do Sul, Uganda, Zâmbia e Zimbábue.** Até à data, a Essuatíni, o Quénia, o Lesoto, a Nigéria, a Zâmbia e o Zimbábue iniciaram a implementação do LEN, com os outros países pioneiros a começarem em breve. **Os dados preliminares do programa indicam que a adesão é particularmente forte entre as populações prioritárias, incluindo mulheres grávidas e a amamentar, raparigas adolescentes e mulheres jovens, e pessoas que acedem à PrEP pela primeira vez** – destacando o potencial do LEN para chegar àqueles que anteriormente não tinham acesso à prevenção. ...”

“Aproveitando este impulso, o Fundo Global também alargou o apoio à introdução da PrEP LEN a **12 países adicionais: Benim, Botsuana, República Dominicana, Fiji, Geórgia, Haiti, Honduras, Indonésia, Marrocos, Papua-Nova Guiné, Ruanda e Tailândia** – refletindo a forte e crescente procura global por opções de prevenção do VIH de ação prolongada.”

“A Gilead Sciences concedeu licenças voluntárias a vários fabricantes para produzirem versões genéricas do LEN, ajudando a abrir caminho para um fornecimento alargado e mais acessível....”

HPW – Mais um milhão de pessoas vão receber o medicamento «milagroso» contra o VIH, o Lenacapavir, à medida que os EUA e o Fundo Global ampliam o acesso

<https://healthpolicy-watch.news/one-million-more-people-to-get-hiv-miracle-drug-lenacapavir/>

Mais cobertura e análise, no **webinar do CSIS onde o anúncio foi feito**. Alguns excertos:

“... O diretor executivo do Fundo Global, Peter Sands, acrescentou que “a experiência que temos até agora sugere que, se realmente queremos tirar o máximo partido disto, temos de pensar em grande e temos de avançar mais depressa” ...”

«Entretanto, Lewin (Departamento de Estado dos EUA) afirmou que os EUA estariam «dispostos a financiar doses adicionais à medida que aumentássemos a capacidade de produção», acrescentando que «gostaríamos de ver os países a financiarem as doses.»...»

“... Desde novembro passado, foram entregues cerca de 135 000 doses de lenacapavir a nove países africanos: Essuatíni, Quênia, Lesoto, Moçambique, Nigéria, África do Sul, Uganda, Zâmbia e Zimbábue.... Doze países adicionais – Benim, Botsuana, República Dominicana, Fiji, Geórgia, Haiti, Honduras, Indonésia, Marrocos, Papua-Nova Guiné, Ruanda e Tailândia – também receberão o medicamento em breve... «Tomámos a decisão deliberada de nos concentrarmos nos locais onde o medicamento pode ter maior impacto», afirmou Sands, acrescentando que o objetivo é chegar a 24 países até ao final de 2027...»

“... O CEO da Gilead, Daniel O’Day, disse na reunião que, duas semanas após receber os resultados dos ensaios clínicos do lenacapavir, a sua empresa tinha “assinado licenças voluntárias com seis fabricantes de genéricos, isentas de royalties e sem qualquer obrigação para connosco” e concluído toda a transferência de tecnologia em duas semanas. “Temos 1,3 milhões de novos casos de VIH todos os anos, a grande maioria na África Subsariana, e 41 milhões de pessoas vivem com VIH”, afirmou O’Day. “Temos de inverter a tendência desses 1,3 milhões [de novos casos] para chegarmos a uma fase em que esta doença esteja agora sob controlo.” Os primeiros genéricos deverão estar disponíveis a partir de meados de 2027....”

“... Lewin afirmou que os Memorandos de Entendimento (MOU) bilaterais que os EUA assinaram com vários países permitiram aos EUA trabalhar diretamente com os ministérios da saúde desses países para preparar o lenacapavir....” “Os EUA assinaram 30 MOU bilaterais até agora e, embora possam assinar mais 10, 85% do orçamento já foi alocado, disse Lewin.”

“... No entanto, Sands afirmou que levar o lenacapavir às pessoas em maior risco de contrair o VIH envolve tanto organizações comunitárias como governos: “Estamos muito empenhados com organizações lideradas pela comunidade, e esta é uma parte importante da forma como maximizamos o impacto do lenacapavir...”

“... Entretanto, Lewin afirmou que, até ao final do ano fiscal dos EUA, a 30 de setembro, os EUA pretendem celebrar acordos de implementação com todos os países com acordos bilaterais. Nessa altura, estes países “estarão todos integrados em novos mecanismos que se alinham com os compromissos e os eixos da Estratégia de Saúde Global ‘America First’”, afirmou Lewin....”

- Ver também [Notícias Científicas – Lançamento de nova e poderosa ferramenta de prevenção do VIH em países de rendimento mais baixo recebe um impulso](#) “O Fundo Global e o governo dos EUA planeiam disponibilizar o lenacapavir injetável a 3 milhões de pessoas até 2028.”

Mais alguns excertos: «... **Ativistas de combate ao VIH criticaram duramente a Gilead por excluir muitos países de rendimento médio da compra do produto genérico, incluindo o Brasil, que participou nos ensaios clínicos que levaram à sua aprovação. E a Médicos Sem Fronteiras queixou-se de que a Gilead se recusou a vender o medicamento para utilização nas suas operações médicas, muitas delas em emergências humanitárias. A moderadora do painel de hoje, Katherine Bliss, do CSIS, também observou que foram “expressas preocupações” de que a parceria entre o governo dos EUA e o Fundo Global tenha colocado ênfase na prevenção da transmissão do VIH a mulheres grávidas e a amamentar — que podem infectar os seus bebés — sem qualquer menção a outros grupos de alto risco, como homens que fazem sexo com homens e pessoas que injetam drogas....”**

- E via Devex – [EUA e Fundo Global intensificam apoio à vacina de prevenção do VIH](#)

“A ideia é garantir que consigamos uma introdução harmoniosa de produtos genéricos para complementar os produtos de marca o mais rapidamente possível”, afirmou Peter Sands, diretor executivo do Fundo Global, falando no palco do CSIS. ...”

“... Sands afirmou que isso aconteceria até meados de 2027 — mas, segundo Mitchell Warren, da [AIDS Vaccine Advocacy Coalition](#), isso não pode acontecer depressa o suficiente. A sua organização é uma das várias que apoiam a implementação do lenacapavir pelo Departamento de Estado em toda a África e, em cada um desses países, Warren afirmou que a procura excede largamente a oferta. «[O lenacapavir] está literalmente a esgotar-se rapidamente», disse Warren, que falou com a Devex a partir da África do Sul. «Os stocks são limitados no lançamento, e todos estes stocks estão a ser esgotados de forma muito rápida.» ... A urgência, disse ele, **sublinha uma lacuna maior entre o que está planeado e o que é necessário. Expandir a meta de 2 milhões para 3 milhões de pessoas ao longo de três anos é um passo positivo**, acrescentou Warren — **mas ainda é insuficiente**. Warren instou, em vez disso, o Departamento de Estado e o Fundo Global a **terem como objetivo alcançar 4 milhões de pessoas em dois anos, acrescentando que é necessário chegar a mais de 5 milhões de pessoas por ano para ter um impacto significativo, construir um mercado sustentável e fazer baixar os preços....”**

“... Até ao final do ano, Lewin espera que 40 países assinem acordos de saúde global com o Departamento de Estado. Mas, mesmo assim, acrescentou Warren, o lenacapavir está a ser lançado 15 meses depois de os cortes da USAID terem abalado o mundo da saúde global — sobrecarregando, esticando e desestabilizando os sistemas que prestam serviços de VIH em todo o mundo. “Preocupo-me que estejamos a construir programas de lenacapavir sobre uma base de areia”, disse Warren. “Temos a nossa maior oportunidade científica de sempre para a prevenção, e estamos a construí-la sobre uma base que poderia ter sido sólida como uma rocha — e agora está, na melhor das hipóteses, instável.”

- Ver também AVAC: «... **os dados globais sobre a PrEP que a AVAC acompanha** mostram que isto ainda não está em linha com o que o mercado pode suportar e com o que é necessário para ter impacto. **Em última análise, o LEN tem de chegar a mais de cinco milhões de pessoas por ano para ter um impacto real, construir um mercado sustentável e fazer baixar ainda mais os preços**», [afirmou Mitchell Warren](#), da AVAC, [num comunicado](#). «

- E através [da UNAIDS — A UNAIDS congratula-se com a expansão da disponibilização de medicamentos para a prevenção do VIH e apela a uma ação urgente para garantir um acesso global equitativo e acessível](#)

“A UNAIDS incentiva todos os países a manterem este impulso para intensificar os esforços de prevenção do VIH — pelo menos 20 milhões de pessoas precisam de ter acesso à prevenção baseada em antirretrovirais até 2030 para acabar com a SIDA como ameaça à saúde pública, conforme delineado na Estratégia Global de SIDA 2026-2031 e nas metas globais para 2030.”

“...A UNAIDS insta à aceleração imediata da transferência de tecnologia, a prazos de produção claros e à expansão do licenciamento a outros fabricantes — particularmente em África — para garantir um fornecimento sustentável e acessível em grande escala...”

Mais informações sobre o acesso a medicamentos, vacinas e outras tecnologias de saúde

OMS África – Quase 20 milhões de vidas salvas em África através da vacinação contra o sarampo

<https://www.afro.who.int/news/nearly-20-million-lives-saved-africa-through-measles-vaccinations>

“Quase 20 milhões de mortes relacionadas com o sarampo foram evitadas em África desde 2000 graças ao aumento da cobertura vacinal, de acordo com a primeira análise detalhada de sempre sobre as metas de imunização no continente. [A análise](#), realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) na região africana e pela Gavi, a Aliança para as Vacinas, revelou também que, para além dos 19,5 milhões de mortes por sarampo evitadas, mais de 500 milhões de crianças em África foram protegidas através da imunização de rotina entre 2000 e 2024. ... “... No entanto, a região continua longe de cumprir as metas para 2030...”

- Para a **publicação completa**: [Rumo às metas da Agenda de Imunização 2030 - Duas décadas de esforços de imunização na Região Africana da OMS.](#)
- E via AP - [A OMS afirma que as vacinas salvam milhões em África, mas os cortes na ajuda dos EUA e a guerra com o Irão ameaçam o progresso](#) (com cobertura da **conferência de imprensa online**)

«As vacinas contra [a malária](#), uma doença que mata mais de 400 000 pessoas anualmente, a maioria delas crianças com menos de cinco anos em África, **estão agora a ser introduzidas em 25 países**. **Mohamed Janabi, diretor regional da OMS para África**, considerou isso “um grande avanço científico e de saúde pública” durante uma **conferência de imprensa online**.»

«Mas alertou também que “os progressos são desiguais e, em alguns locais, estão realmente a abrandar”, depois de [a pandemia da COVID-19](#) ter aumentado o número de crianças que nunca receberam uma única vacina. **Dez países representam 80 % das crianças que não receberam**

qualquer vacina na região, afirmou, descrevendo a situação como “uma **questão de equidade profunda**”...»

GAVI – Países de rendimento mais baixo investem montante recorde em programas de imunização

<https://www.gavi.org/news/media-room/lower-income-countries-investing-record-amount-immunisation-programmes>

“Num contexto de cortes na ajuda, os países de rendimento mais baixo contribuíram com um montante recorde de 302 milhões de dólares para as vacinas apoiadas pela Gavi para 2025. Nos últimos cinco anos, os países **mobilizaram 1,1 mil milhões de dólares para a imunização**, igualando o total angariado nos 13 anos anteriores combinados.”

ICIJ - Como a Merck transformou o seu medicamento milagroso num sucesso de vendas — e excluiu os doentes oncológicos de todo o mundo

<https://www.icij.org/investigations/cancer-calculus/merck-keytruda-cancer-drug-price/>

“A gigante farmacêutica **construiu uma fortaleza de patentes, negociou em segredo e fez lobby incansavelmente** para proteger o seu principal gerador de receitas, o Keytruda.”

Nova investigação contundente do **Consórcio Internacional de Jornalistas de Investigação**.

“Uma investigação do **Consórcio Internacional de Jornalistas de Investigação** revela como uma das maiores farmacêuticas do mundo utilizou táticas para inflar o volume de prescrições e manter o preço elevado através de lobbying e procurando atrasar a chegada de versões mais baratas do medicamento a centenas de milhares de doentes com cancro nos próximos anos. Isto está a acontecer enquanto governos de todo o mundo **gastam montantes crescentes no Keytruda**, com preços elevados a sobrecarregar os orçamentos governamentais, mesmo em países ricos. **Os preços de tabela variam** entre cerca de 80 000 dólares por um ano de tratamento na Alemanha e 208 000 dólares nos EUA, 93 000 dólares no Líbano e cerca de 130 000 dólares na Colômbia, 65 000 dólares na África do Sul e 116 000 dólares na Croácia...»

South Centre (Artigo de investigação) – Acesso a medicamentos e propriedade intelectual: tirar partido das flexibilidades do TRIPS para a resiliência pós-COVID-19 em África

Ismaelline Eba Nguema; <https://www.southcentre.int/research-paper-233-14-april-2026/>

“O apelo da Índia e da África do Sul para a suspensão provisória das patentes de produtos farmacêuticos teve o mérito de colocar a questão do acesso aos medicamentos e da saúde pública de volta na agenda. No entanto, a dificuldade de conciliar o acesso aos medicamentos e a propriedade intelectual envolve muitos fatores que não podem ser reduzidos apenas aos compromissos dos Estados-membros da OMC. Uma análise mais aprofundada revela as limitações intrínsecas de alguns dos seus membros. Estas incluem **a fragilidade do quadro legislativo e regulamentar em alguns países, como os do continente africano**. Consequentemente, **o objetivo deste artigo é demonstrar que a utilização eficaz das flexibilidades do Acordo TRIPS só é possível**

se os países africanos se dotarem de um quadro jurídico adequado, para além das instituições judiciais que devem garantir a eficácia das normas adotadas. ... (o) método levou-nos a concluir que a compatibilidade entre o acesso aos medicamentos e a propriedade intelectual se encontra num impasse entre os direitos humanos e os interesses económicos. No entanto, **para que as flexibilidades do Acordo TRIPS sejam plenamente utilizadas pelos países africanos, estes beneficiariam com a reforma dos seus quadros jurídicos, de modo a tirar partido das flexibilidades previstas no Acordo TRIPS.»**

Bureau of Investigative Journalism - Por dentro do acordo farmacêutico de 64 mil milhões de libras que pode custar mais vidas do que a Covid

<https://www.thebureauinvestigates.com/stories/2026-04-13/inside-the-64bn-pharma-deal-that-could-cost-more-lives-than-covid>

«Com o Serviço Nacional de Saúde (NHS) de joelhos, o Reino Unido celebrou um novo acordo farmacêutico secreto. Mas como foi feito – e quanto irá realmente custar? **O novo acordo farmacêutico entre o Reino Unido e os EUA significará que o NHS pagará mais às empresas farmacêuticas pelos seus medicamentos.** Prevê-se que ocorram centenas de milhares de mortes ao longo de 10 anos devido ao desvio de fundos de outros serviços de saúde. As alegações do governo sobre o valor do acordo são ofuscadas pelos cálculos dos especialistas sobre o seu verdadeiro custo.»

Conflito/Guerra e saúde

Guardian - Indignação com esforços «absolutamente inaceitáveis» para pôr fim à guerra no Sudão, à medida que o conflito entra no quarto ano

<https://www.theguardian.com/global-development/2026/apr/14/no-end-sudan-war-conflict-third-anniversary>

“Um alto funcionário da ONU criticou a falta de urgência global, à medida que relatórios confirmam que a maior crise humanitária do mundo está a agravar-se.”

E via HPW - [A catastrófica guerra civil do Sudão entra no quarto ano](#)

- Veja também [OMS – Após três anos de conflito, o Sudão enfrenta uma crise de saúde ainda mais grave](#)

“Três anos de guerra no Sudão criaram a **maior crise humanitária e de deslocados do mundo, com consequências devastadoras para a saúde das pessoas....**” Leia o que isso implica.

Project Syndicate – Por que razão o desenvolvimento não impede a guerra

R Arezki; <https://www.project-syndicate.org/commentary/new-conflicts-underscore-limitations-of-prevailing-development-model-by-rabah-arezki-2026-04>

«Os conflitos violentos atingiram níveis nunca vistos desde a Segunda Guerra Mundial, mesmo com a pobreza global a ter caído para mínimos históricos, **desafiando suposições de longa data sobre a**

relação entre desenvolvimento e paz. Este resultado exige uma reavaliação da teoria da mudança que sustenta a ajuda ao desenvolvimento.»

«... embora os gastos com o desenvolvimento se justifiquem por motivos humanitários e éticos, independentemente das implicações estratégicas, os **dados não sustentam a alegação de que o investimento sustentado possa prevenir ou resolver conflitos armados de forma fiável. O que os dados mostram é o inverso: o desenvolvimento sustentável depende da paz em muito maior medida do que o paradigma da era Truman reconhecia.** A prevenção de conflitos gera enormes ganhos de desenvolvimento, uma vez que cada ano sem guerra preserva anos de progresso que, de outra forma, se perderiam. **Os investimentos na prevenção de conflitos — incluindo acordos políticos, acordos de partilha de poder e processos de paz credíveis — não são substitutos dos gastos com desenvolvimento, mas sim pré-condições para os mesmos. Consequentemente, temos de repensar a teoria da mudança que atualmente sustenta a economia do desenvolvimento.** Nos países em desenvolvimento assolados pela desconfiança, serviços deficientes e violência recorrente, **a estabilidade política e a legitimidade do Estado devem vir em primeiro lugar.** Só depois de essa base estar estabelecida é que a reforma institucional e os gastos sustentados com desenvolvimento podem produzir resultados tangíveis...»

- Para mais informações, consulte [«Sobre a assimetria entre conflito e desenvolvimento: evidências dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável»](#) (por Rabah Arezki, Hieu Nguyen)

“... **Os resultados revelam uma assimetria marcante:** os choques de conflito produzem efeitos adversos duradouros no desempenho dos ODS, enquanto os choques no desempenho dos ODS exercem apenas efeitos transitórios sobre a intensidade do conflito. Esta assimetria persiste em episódios de conflito externos e de grande dimensão, e é robusta face a estratégias de identificação alternativas. **As nossas conclusões indicam que o desenvolvimento sustentável depende fundamentalmente da concretização prévia da paz.**”

BMJ (Opinião) – Os cuidados de saúde e a ajuda humanitária estão a ser utilizados como peões políticos em contextos de conflito

<https://www.bmj.com/content/393/bmj.s718>

“Os profissionais de saúde devem insistir em que os cuidados de saúde e o acesso à ajuda em contextos de conflito sejam protegidos por lei, e não concedidos por permissão, escrevem Áine Markham e Christos Christou (ambos da MSF).”

Diversos

Notícias da ONU – Os arquivos Epstein: especialistas em direitos humanos exigem responsabilização e apelam a uma investigação sobre as alegações de tráfico

<https://news.un.org/en/story/2026/04/1167314>

“Peritos independentes em direitos humanos da ONU apelaram na quinta-feira à justiça e à responsabilização em relação às jovens e raparigas que foram vítimas de tráfico sistemático, no âmbito das alegações contidas nos chamados arquivos de Epstein. ... **“Estamos profundamente preocupados com as alegações credíveis nos ‘arquivos de Epstein’ de tráfico sistemático de jovens**

e **raparigas** para fins de exploração sexual e **apelamos a uma investigação completa e transparente**”, afirmaram os dois peritos num comunicado....”

Guardian – Cobertura mediática da violência contra as mulheres atinge um nível “desolador”, revela relatório

<https://www.theguardian.com/global-development/2026/apr/17/media-coverage-violence-against-women-low-report>

“Análise revela que as notícias que citam termos de abuso misógino caíram para 1,3% das notícias online globais em 2025.”

Foreign Policy - Para além da economia do disquete: Como reescrever o quadro económico global para um multilateralismo progressista.

Por Mariana Mazzucato; <https://foreignpolicy.com/2026/04/14/bretton-woods-world-bank-g20-trade-economic-order/>

“...**Proponho quatro princípios orientadores**, desenvolvidos no âmbito do meu trabalho como assessora do Presidente Cyril Ramaphosa para a presidência sul-africana do G-20: **moldar as economias através de uma estratégia industrial, em vez de as corrigir marginalmente; alinhar as finanças com o interesse público, em vez de as tratar como um fim em si mesmas; reconstruir a capacidade estatal necessária para cumprir os objetivos; e fundamentar a cooperação global na equidade, em vez da caridade.** Não se trata de abstrações. Já estão a ser **postas em prática**, desde a transição energética de Espanha até à transformação do Estado no Brasil, e **oferecem a base para um novo multilateralismo progressista....”**

PS: «**Esta semana, em Barcelona, Sánchez convocará a Mobilização Progressista Global** — um encontro de líderes e pensadores que procuram construir um mundo melhor a partir dos escombros que o presidente dos EUA, Donald Trump, está a criar. **A ambição é admirável, mas precisa do quadro económico certo para florescer. ...»**

- Relacionado: **Devex Pro – [Economista apela a uma reformulação das políticas de crescimento e desenvolvimento](#)**

Na Cimeira Devex Capital, Mariana Mazzucato apela a uma política industrial orientada para missões, a condições público-privadas mais sólidas e a uma mudança para uma abordagem de «bem comum» em matéria de desenvolvimento e água.

Notícias da ONU – Reparações são «fundamentais para desmantelar o racismo sistémico»: chefe dos direitos humanos da ONU

<https://news.un.org/en/story/2026/04/1167297>

«**O Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Volker Türk, descreveu a justiça reparatória pelo colonialismo, a escravatura e o comércio de africanos escravizados como “chave para desmantelar o racismo sistémico”.**»

“Falando na terça-feira [na quinta sessão do Fórum Permanente da ONU para Pessoas de Ascendência Africana](#), elogiou os **avanços em matéria de justiça racial e igualdade alcançados nas últimas décadas**. Estes incluem a adoção de leis antidiscriminação, a criação de instituições independentes de direitos humanos e igualdade e medidas no sentido de reparações.”

“... **Ele delineou três pedidos fundamentais para os Estados-Membros no futuro**: Devem ser **adotadas e aplicadas** leis, políticas e práticas antirracistas que possam lançar as bases para sociedades mais seguras, justas e inclusivas; Os jovens de ascendência africana e os membros da sociedade civil devem ser **incluídos em todos os níveis de tomada de decisão**; O impulso em direção à justiça reparatória **deve ser mantido...**”

Our World in Data - De que morrem as pessoas nos diferentes países?

[Our World in Data](#);

Excelente recurso. “Uma **ferramenta interativa** para explorar as causas de morte por idade, género e período, em todo o mundo.”

Lancet (Carta) – Quando os dados dos doentes desaparecem: a lição do Gana para o mundo

T Augustine et al; [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(26\)00645-8/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(26)00645-8/fulltext)

« “Senhora, que medicamentos toma? Lamento, mas não consigo aceder às suas informações no meu computador”, disse o ginecologista (TA). **Esta conversa teve lugar a 10 de março de 2026, num hospital de referência no Gana, onde os médicos não conseguiam aceder aos registos da paciente devido a um litígio entre o Governo e o prestador de serviços**. As consequências são graves: perdem-se informações essenciais sobre os doentes, os tratamentos são adiados e a tomada de decisões clínicas fica comprometida. **Este exemplo serve como um forte aviso para os sistemas de saúde em todo o mundo: o acesso aos registos eletrónicos dos doentes não pode ser dado como garantido. Embora esta situação tenha ocorrido no Sul Global, as lições têm um impacto igualmente forte nos sistemas de saúde avançados**. Os riscos vão além dos registos médicos — **quaisquer dados, mesmo portais para cidadãos, armazenados no estrangeiro podem ficar reféns de disputas empresariais ou geopolíticas**. O exemplo do Gana é um aviso claro: a confiança, a segurança do doente e os próprios cuidados de saúde estão em risco....”

« ... Os dados dos doentes não são apenas ficheiros técnicos; são linhas de vida. Para nós — ou seja, médicos confrontados com a realidade de ecrãs vazios —, **o exemplo do Gana levanta questões cruciais: quem é o verdadeiro proprietário dos dados médicos e como devem ser armazenados? Damos a devida atenção aos riscos, dinâmicas de poder e incentivos inerentes à infraestrutura digital dos registos dos doentes?....”**

Guardian - Cientistas africanos saudam o crescente interesse global na conservação de fungos

<https://www.theguardian.com/environment/2026/apr/14/african-scientists-fungal-conservation-movement-aoe>

“Perante as crescentes evidências do papel fundamental dos fungos nos ecossistemas e no armazenamento de carbono, **os micologistas procuram um maior reconhecimento da necessidade de preservar os ‘fungos’ tanto quanto a flora e a fauna.**”

- Relacionado: [Nature Medicine \(Comentário\) – Colmatar a lacuna na resistência aos antifúngicos](#)

«**As doenças fúngicas resistentes aos medicamentos devem ser abordadas na atualização de 2026 do Plano de Ação Global sobre Resistência aos Antimicrobianos**» (por Paul E. Verweij et al)

Governança global da saúde e governança da saúde

Devex Pro - Por dentro da estratégia de desenvolvimento da China: Coordenação, não competição

<https://www.devex.com/news/inside-china-s-development-strategy-coordination-not-competition-112230>

(acesso restrito) «**À medida que os doadores ocidentais se afastam, a China está a assumir um papel mais proativo nas instituições multilaterais e a orientar o seu modelo de desenvolvimento para o exterior.** No entanto, os responsáveis políticos de Pequim são sinceros quanto aos limites.»

Eurodad – Novo relatório do Parlamento Europeu sobre o Global Gateway reflete as principais preocupações da sociedade civil

[Eurodad](#)

«No final de março, o Parlamento Europeu aprovou o primeiro relatório sobre a estratégia de investimento emblemática da UE em apoio às ambições geoestratégicas do bloco. Embora o relatório ainda seja fraco no seu posicionamento contra algumas das premissas subjacentes à estratégia Global Gateway da UE, os membros do Parlamento Europeu ecoaram as principais preocupações e exigências da sociedade civil sobre a forma como a estratégia foi concebida e implementada.»

Globalização e Saúde - Por que razão a diplomacia da saúde deve ser entendida como um instrumento de dissuasão: evidências do sistema de saúde da Suécia

M M Cati; <https://link.springer.com/article/10.1186/s12992-026-01210-2>

“O sistema de saúde da Suécia está cada vez mais exposto a vulnerabilidades estratégicas decorrentes das cadeias de abastecimento farmacêuticas globalizadas, da escassez de medicamentos, da resistência aos antimicrobianos e de ameaças geopolíticas híbridas. Num período de tensão internacional acentuada, salvaguardar a segurança sanitária tornou-se uma preocupação política urgente. Embora a securitização da diplomacia da saúde levante desafios éticos e políticos, este artigo defende que a diplomacia da saúde deve ser entendida não só como um instrumento de cooperação, mas também como uma forma de dissuasão que opera através da integração da governação, da transparência e da interdependência estratégica, reforçando a resiliência nacional.

Neste contexto, a dissuasão refere-se à redução dos incentivos e oportunidades para que atores adversários explorem as vulnerabilidades do sistema de saúde, tais como a escassez de medicamentos ou perturbações na cadeia de abastecimento, para gerar perturbações sociais, minar a confiança pública ou exercer pressão política. Centrando-se na Suécia, o artigo mostra como uma coordenação mais profunda entre os países nórdicos e a União Europeia melhora a capacidade de antecipação, estabiliza o acesso a medicamentos essenciais, particularmente antibióticos, e reforça a comunicação de crise e a confiança pública. «**Posicionar a diplomacia da saúde no âmbito de arquiteturas de segurança mais amplas** pode apoiar a continuidade dos cuidados durante situações de stress sistémico, mantendo-se ao mesmo tempo ancorada na governação civil e nas normas globais de saúde.»

Plos GPH – Aliança masculina para promover a liderança das mulheres na academia da saúde global: um estudo qualitativo

Amanda Marr Chung et al;

<https://journals.plos.org/globalpublichealth/article?id=10.1371/journal.pgph.0005258>

«As mulheres estão sub-representadas em cargos de liderança na saúde global. Embora tenha sido demonstrado que as mulheres líderes promovem ambientes de trabalho inclusivos e dão prioridade a melhorias na saúde das mulheres, elas enfrentam barreiras ao seu avanço, incluindo microagressões e responsabilidades desproporcionais de prestação de cuidados. A aliança masculina pode facilitar a ascensão das mulheres a cargos de liderança na saúde global. **Este estudo explora as experiências de líderes da saúde global no meio académico em relação à aliança masculina e identifica ações e melhores práticas para apoiar o crescimento da liderança feminina na saúde global...**»

Financiamento da saúde global

ODI (Documento informativo/de política) - Reformar os bancos multilaterais de desenvolvimento: perspetivas dos países da AID

F Zeka et al <https://odi.org/en/publications/reforming-multilateral-development-banks-perspectives-from-ida-countries/>

“**O que os BMDs oferecem é importante para os países da AID:** pelo menos 80% dos inquiridos classificam cada função dos BMDs – financiamento concessionário, assistência técnica, aconselhamento político, investigação e poder de convocação – como muito ou extremamente relevante para o desenvolvimento socioeconómico do seu país. **Prevê-se que a procura de subvenções e empréstimos dos BMD aumente nos países da AID nos próximos cinco a dez anos,** impulsionada por grandes necessidades de financiamento e por um financiamento concessionário que não exerça pressão sobre a sustentabilidade da dívida. **A coordenação entre os BMD é importante para os países da AID, mas a perceção da sua qualidade não melhorou desde o primeiro inquérito em 2021.** Os inquiridos governamentais nos países da AID **consideram, em geral, que o ciclo dos projetos e programas dos BMD é demasiado longo.** Quase metade (45%) considera o tempo entre a conceção e o primeiro desembolso muito ou extremamente longo. ...”

UHC e APS

Journal of Global Health - Utilização de instalações públicas de cuidados de saúde primários, desenvolvimento económico e a transição dos serviços de saúde

Krishna D Rao et al; <https://jogh.org/2026/jogh-16-04142>

“Muitos países de rendimento baixo e médio (LMICs) dispõem de vastas redes de unidades de cuidados de saúde primários (PCF) públicas para prestar serviços de saúde acessíveis e de qualidade perto das comunidades. Espera-se que as PCF públicas funcionem como a principal fonte de cuidados de saúde primários. **Este estudo documenta em que medida as PCF públicas são utilizadas para doenças tratáveis ao nível dos cuidados de saúde primários e investiga a associação entre a utilização das PCF públicas, o desenvolvimento económico e a concretização da UHC.**”

Conclusões: «... Existe **uma variação considerável entre países na utilização dos centros de cuidados primários públicos**; na maioria dos países, estes centros receberam menos de metade dos doentes que procuraram aconselhamento médico para afeções tratáveis ao nível dos cuidados primários. **Em segundo lugar, o desenvolvimento económico está associado a uma «transição dos serviços de saúde» caracterizada por duas tendências relacionadas** – o declínio na percentagem de pacientes que procuram aconselhamento médico em prestadores públicos em geral e em PCFs públicos, e um aumento proporcional na percentagem de pacientes que procuram aconselhamento médico em prestadores privados; a utilização de PCFs públicos diminuiu cerca de 24 pontos percentuais entre a média dos países de baixo rendimento e a dos países de rendimento médio. No entanto, a maior parte da variação entre países na utilização dos PCF públicos deveu-se a fatores que não o rendimento. **Em terceiro lugar, a análise de regressão entre países indicou que a utilização dos PCF públicos não estava associada à concretização da Cobertura Universal de Saúde (UHC), uma vez que os prestadores privados oferecem uma gama semelhante de serviços. A utilização dos PCF públicos esteve associada a despesas de saúde catastróficas mais baixas.**»

Conclusões: «**As mudanças nos padrões de procura de cuidados e na utilização dos PCF públicos provocadas pelo desenvolvimento económico tornam fundamental repensar os modelos de prestação de serviços de cuidados de saúde primários e os mecanismos de proteção financeira nos países em transição.**»

Preparação e resposta a pandemias / Segurança sanitária global

IFPMA (relatório) – Reforçar a segurança sanitária global: perspetivas da indústria farmacêutica inovadora

<https://www.ifpma.org/publications/strengthening-global-health-security-perspectives-from-the-innovative-pharmaceutical-industry/>

Focando a atenção em **três pilares centrais da segurança sanitária: inovação, resiliência e condições propícias.**

Bioética Global - A OMS ratificou o acordo sobre pandemias: mas o que será necessário para garantir uma resposta equitativa a futuras pandemias?

Marija Antanavičiūtė et al;

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/11287462.2026.2652671>

“... embora o atual Acordo sobre Pandemias coloque em primeiro plano o acesso equitativo à vigilância, terapêuticas, vacinas e outros produtos relacionados com pandemias, muitas questões importantes ainda estão por responder. **Os autores deste artigo chamam a atenção para os esforços de preparação ética.** O artigo considera a importância de **construir a infraestrutura necessária para a prestação de aconselhamento ético em questões relacionadas com a saúde, como parte das fases de implementação do Acordo sobre Pandemias da OMS**, para garantir que aprendemos com os erros cometidos durante a pandemia da COVID-19...”

Saúde planetária

Nature Climate Change - Da alocação setorial de esforços de mitigação compatíveis com o Acordo de Paris com o menor custo para a alocação ótima em termos dos ODS

Dirk-Jan Van de Ven et al; <https://www.nature.com/articles/s41558-026-02602-3>

“Um novo artigo da Nature Climate Change defende que o caminho de menor custo para a descarbonização nem sempre é o melhor para o desenvolvimento sustentável. As escolhas setoriais são importantes se a ação climática se destinar a apoiar resultados nas áreas da saúde, pobreza, água, terra e economia.”

Plos Climate (Editorial) - Clima e saúde numa encruzilhada crítica

<https://journals.plos.org/climate/article?id=10.1371/journal.pclm.0000895>

“Este editorial define uma direção coletiva e um compromisso partilhado, entre disciplinas, geografias e gerações, **para promover a investigação sobre clima e saúde** que seja cientificamente robusta, socialmente justa e fundamentada no impacto no mundo real...”

Lancet Planetary Health (Ponto de vista) - Alterações ambientais globais e o eixo intestino-rim-cérebro: uma revisão e um quadro de vulnerabilidade e resiliência

Shazia Adalat et al; [https://www.thelancet.com/journals/lanplh/article/PIIS2542-5196\(26\)00026-4/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanplh/article/PIIS2542-5196(26)00026-4/fulltext)

“A investigação sobre clima e saúde examina frequentemente os sistemas orgânicos de forma isolada, o que limita a nossa compreensão de como os fatores de stress ambientais moldam os padrões de doenças multiorgânicas. **Propomos um quadro integrativo** que explora como **as perturbações no eixo intestino-rim-cérebro** podem contribuir para a vulnerabilidade climática e ambiental diferencial. ...”

Oil Change International (et al) (relatório) - Efeitos de Contágio: A Armadilha da Dívida dos Combustíveis Fósseis no Sul Global

<https://oilchange.org/publications/spillover-effects-the-fossil-fuel-debt-trap-in-the-global-south/>

“O aumento do endividamento e a dependência dos combustíveis fósseis são crises interdependentes. Países da África, América Latina, Caraíbas, Médio Oriente e partes da Ásia estão presos numa armadilha estrutural em que os governos são forçados a dar prioridade à liquidez e às receitas de curto prazo em detrimento da transformação de longo prazo. Um novo relatório, **Efeitos de Contágio: A Armadilha da Dívida e dos Combustíveis Fósseis no Sul Global**, descreve as formas como as elevadas obrigações de serviço da dívida impulsionam a expansão dos combustíveis fósseis, ao mesmo tempo que afastam os investimentos em energias renováveis e prejudicam a capacidade das nações de responder aos impactos das alterações climáticas e de prestar serviços de saúde e educação.»

Covid

Lancet GH (Comentário) - A fascinante relação entre a malária e a COVID-19

G A Awandare et al ; [https://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X\(26\)00051-3/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X(26)00051-3/fulltext)

Comentário relacionado com um novo estudo da Lancet GH.

Conclusão: «... Em conjunto, estas evidências sugerem uma hipótese unificadora que poderia explicar a mortalidade associada à COVID-19 inferior ao esperado na África Subariana, onde a malária é geralmente endêmica. A imunidade natural à malária desenvolve-se após infeções repetidas pelo parasita e tem duas componentes: imunidade antiparasitária e imunidade antidoença (clínica).¹⁰ A imunidade antidoença é mediada pela tolerância a estimulação inflamatória adicional, que é adquirida através da regulação epigenética. As modificações epigenéticas conferem proteção colateral contra sintomas graves causados por outros agentes patogénicos pró-inflamatórios, incluindo o SARS-CoV-2, ao atenuar a indução de citocinas. Tal mecanismo contribuiu provavelmente para evitar a devastação prevista da população da África Subariana durante a pandemia de COVID-19. ...»

- Relacionado com este [novo estudo da Lancet GH: Malária sem complicações como fator de risco para a duração e gravidade da COVID-19 no oeste do Quênia e no Burquina Faso \(MALCOV\): um estudo de coorte prospetivo](#)

Cidrap News - COVID longa associada a um risco mais elevado de doença cardíaca, mesmo após uma infeção ligeira

<https://www.cidrap.umn.edu/covid-19/long-covid-tied-higher-risk-heart-disease-even-after-mild-infection>

«O diagnóstico de COVID longa está associado a um risco acrescido de doenças cardiovasculares, particularmente arritmias cardíacas, insuficiência cardíaca e doença arterial coronária, mesmo

entre doentes que não foram hospitalizados devido à COVID-19, de acordo com um **novο estudo de coorte prospectivo publicado na eClinicalMedicine...»**

Doenças infecciosas e DTNs

Lancet Global Health – Desvendando a complexa relação entre a exposição ao VIH e a tuberculose em crianças: uma revisão narrativa

Laura Olbrich et al; [https://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X\(25\)00540-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X(25)00540-6/fulltext)

“Com o notável sucesso dos programas antirretrovirais para a prevenção da transmissão vertical do VIH, tem-se verificado uma redução significativa na proporção de crianças nascidas com VIH e, conseqüentemente, um aumento correspondente na população de **crianças expostas ao VIH, mas não infetadas (CHEU)**. Há uma crescente consciência do risco acrescido de morbidade e mortalidade infantil entre as CHEU, em comparação com crianças não expostas ao VIH, particularmente devido a doenças infecciosas. Dada a elevada prevalência da tuberculose em populações com elevada prevalência de VIH, o efeito da exposição ao VIH na tuberculose é, por isso, de particular interesse. **Nesta revisão, contextualizamos e refletimos sobre a literatura existente relativa às CHEU no que diz respeito à prevenção, prevalência e resultados da infeção por tuberculose e da doença tuberculosa. Ao fazê-lo, identificamos lacunas no conhecimento relatado sobre as CHEU para orientar a investigação futura....”**

DNT

Nature Health – O fardo económico global das doenças do trato digestivo e dos cânceros de 2020 a 2050

<https://www.nature.com/articles/s44360-026-00113-1>

“Integrando várias fontes de dados e investigando diversos cenários relacionados com as condições de saúde e económicas, **este estudo apresenta projeções do fardo futuro de 16 doenças do trato digestivo à escala global, delineando prioridades para a prevenção e erradicação das doenças.**”

Determinantes sociais e comerciais da saúde

Tobacco Control (Editorial) - Controlo do tabaco: um modelo de sucesso para a saúde global no século XXI

<https://tobaccocontrol.bmj.com/content/35/2/141?rss=1>

Por Les Hagen et al.

Direitos à saúde sexual e reprodutiva

Plos GPH - Qualidade das primeiras consultas de pré-natal e resultados perinatais: Evidências de um estudo de coorte na Etiópia, Quênia, África do Sul e Índia

<https://journals.plos.org/globalpublichealth/article?id=10.1371/journal.pgph.0006248>

Por Wen-Chien Yang, M Kruk et al.

Lancet GH – Avaliação do calendário e do conteúdo dos cuidados pré-natais em 131 países de rendimento baixo e médio, 1995–2023: uma análise sistemática das tendências

Anna Gage, et al; [https://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X\(26\)00010-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X(26)00010-0/fulltext)

Interpretação dos resultados: «Apesar das melhorias na prestação de cuidados pré-natais básicos entre 1995 e 2023, os sistemas de saúde continuam a perder oportunidades de prestar cuidados importantes às mulheres que procuram cuidados pré-natais. As lacunas identificadas na cobertura devem ser alvo de melhorias para apoiar a prestação de cuidados de saúde oportunos e eficazes que melhorem a saúde materna e neonatal...»

Saúde neonatal e infantil

TGH - Registo de nascimentos para melhorar a equidade na saúde

Mary-Ann Etiebet (CEO da Vital Strategies); <https://www.thinkglobalhealth.org/article/birth-registration-to-improve-health-equity>

«Milhões de recém-nascidos não têm certidão de nascimento, mas **os governos e os investidores têm novas oportunidades para criar sistemas de identificação digital.**»

«Na África Subsaariana, mais de 110 milhões de crianças com menos de 5 anos não têm certidão de nascimento, incluindo quase 7 em cada 10 bebês com menos de 12 meses. **No entanto, há motivos para otimismo. Vinte e seis países africanos estão no bom caminho para registrar todos os nascimentos até 2030, em conformidade com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 16.9 da** , e, desde 2019, o Banco Mundial concretizou 70 projetos de investimento em digitalização, num total de 9 mil milhões de dólares, em 37 países africanos.»

“... a atual onda de investimento em tecnologias digitais representa uma oportunidade para criar sistemas inteligentes que tragam milhões de meninas e mulheres para um mundo de oportunidades e proteção...”

Recursos humanos para a saúde

SS&M – Remuneração justa, otimizador de desempenho ou indicador de estatuto? O significado social da remuneração para as agentes comunitárias de saúde da Índia

V Marwah; <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277953626003333>

“Não existe consenso sobre a remuneração dos profissionais de saúde comunitários. Compare as perspectivas sobre a remuneração dos profissionais de saúde comunitários como salários versus incentivos na Índia. Identifique **três lógicas em jogo** na forma como os entrevistados interpretam o papel da remuneração. **A maioria dos especialistas em saúde comunitária vê a remuneração como uma ferramenta para medir e/ou estimular o trabalho. Para os profissionais de saúde comunitários, no entanto, a remuneração é um indicador de estatuto e respeito enquanto trabalhador.**”

Migração e Saúde

BMC Public Health - Uma revisão sistemática de métodos mistos sobre estratégias de autocuidado de saúde mental para refugiados e migrantes de língua árabe

<https://link.springer.com/article/10.1186/s12889-023-17395-9>

Por Deena Mehjabeen et al.

Diversos

IISD - Antes de grandes cimeiras, a ONU apela a um renovado compromisso com os ODS

<https://sdg.iisd.org/news/ahead-of-major-summits-un-calls-for-recommitment-to-sdgs/>

“Antes das grandes cimeiras, a ONU apela a um novo compromisso com os ODS.”

“O Comité de Política de Desenvolvimento propôs um conjunto de princípios para os Estados-Membros terem em conta enquanto se **preparam para a Cimeira dos ODS de 2027**. O CDP salientou a importância do compromisso com os ODS e recomendou que **fosse dado mais apoio e atenção à aprendizagem mútua Sul-Sul, à partilha de experiências e à cooperação.**”

Devex - Será que atribuir um valor monetário ao fim da pobreza pode desbloquear milhares de milhões em doações?

<https://www.devex.com/news/can-putting-a-price-tag-on-ending-poverty-unlock-billions-in-giving-112304>

“Uma nova investigação de Paul Niehaus, cofundador da GiveDirectly, revela que acabar com a pobreza extrema pode ser mais exequível do que muitos supõem. A questão agora é se esse tipo de clareza pode mobilizar fundos filantrópicos que se encontram à margem.”

“Niehaus, cofundador e ex-presidente da [GiveDirectly](#), que permite aos doadores enviar dinheiro diretamente a pessoas que vivem na pobreza, é agora economista na [Universidade da Califórnia, em San Diego](#). Ele faz parte de um grupo de investigadores [que tenta quantificar](#) o que seria realmente necessário para acabar com a pobreza extrema. O seu trabalho recente sugere que a resposta pode estar mais ao nosso alcance do que muitos supõem: os avanços na ciência de dados tornam possível elevar quase toda a gente acima da linha de pobreza global por cerca de 318 mil milhões de dólares por ano, ou aproximadamente 0,3% do produto interno bruto global...”

Artigos e relatórios

WMHP - Governação Global e Corrupção nos Cuidados de Saúde: Um Mapeamento Bibliométrico dos Desafios Políticos e das Tendências Globais de Investigação

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/wmh3.70067>

por B Uysal et al.

Livro - Crise, Consenso e Revolução na Governação Fiscal Global das Empresas

M. Motala; <https://www.routledge.com/Global-Corporate-Tax-Governance-Crisis-Consensus-and-Revolution/Motala/p/book/9781032818948>

«Este livro analisa as mudanças transformadoras na tributação internacional das empresas entre 2008 e 2021, que culminaram no histórico Acordo de outubro de 2021, o qual alterou profundamente a tributação das empresas multinacionais. O estudo analisa como a crise financeira de 2008 e a pandemia de COVID-19 de 2020 catalisaram a reforma através de iniciativas do G-20 e da OCDE, resultando num quadro de dois pilares com regras de desajustamento condicional e uma taxa efetiva mínima de imposto sobre as sociedades de 15% aplicada país a país.»

“Através de uma análise empírica, comparativa e metahistórica, o autor revela a influência decisiva da Comunidade de Política Fiscal Transnacional (TTPC) enquanto definidora de agendas, consultora e guardião. Apesar do papel significativo da TTPC, a investigação demonstra que a política interna tem um impacto substancial nos resultados da implementação e aplicação. O trabalho apresenta um Modelo Dinâmico de Governação Fiscal das Empresas que não só explica as recentes mudanças revolucionárias, mas também prevê desenvolvimentos futuros na governação fiscal

global, esclarecendo a tensão contínua entre a cooperação multilateral e a soberania estatal na tributação internacional.”

The Journal of Climate Change & Health - Combater crises convergentes: O papel das universidades na saúde global, no clima e na equidade

J Ratevosian et al ; <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2667278226000386>

« ... Esta perspectiva, baseada numa reunião internacional realizada no Centro Bellagio da Fundação Rockefeller em novembro de 2024, delinea quatro papéis interligados para as universidades e lança um apelo à ação. Em primeiro lugar, as universidades devem sustentar e proteger a descoberta científica, combater a desinformação e salvaguardar a integridade da investigação. Em segundo lugar, devem diversificar o financiamento para manter a resiliência. Isto significa repensar as parcerias com governos, comunidades e a indústria. Em terceiro lugar, devem defender a responsabilidade institucional académica, incluindo o compromisso com a investigação ética, a ciência baseada em evidências e as suas próprias contribuições para as emissões de gases com efeito de estufa e a sustentabilidade. Em quarto lugar, devem transformar a educação, dotando a próxima geração de líderes de competências transdisciplinares para enfrentar os desafios climáticos e de saúde. ...»

Tweets (via X, LinkedIn e Bluesky)

Gabriel Zucman

destacou o impulso global crescente por trás da tributação dos bilionários na conferência

“**Confronting Global Inequality: Tax Day Policy forum**” em Nova Iorque

“Estamos no início de um movimento internacional: com base no trabalho iniciado pelo Brasil no G20, há um grupo de países a trabalhar em conjunto para tributar bilionários. Esta semana, sob a liderança de Pedro Sánchez, 15 chefes de Estado reunir-se-ão em Barcelona para avançar com esta agenda tão importante.”